

Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

A ERMIDA DO PLANALTO



Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

A ERMIDA DO PLANALTO



© 2024 – Editora Unigala

Copyright © Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

O texto preserva o acordo ortográfico constante da primeira edição.

www.unigala.com.br
editoraunigala@gmail.com

Organizadores da 3ª edição

Ramiro Esdras Carneiro Batista
Carlos Ceza de Carvalho

Capa

Acervo do autor/Ramiro Esdras

Diagramação

Ramiro Esdras Carneiro Batista

Revisão

Diocília Ambrósio Batista
Maria das Mercês Bonfim Ambrósio
Ramiro Esdras Carneiro Batista

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração: Resiane Paula da Silveira

Conselho Editorial

Dr. Ramiro Esdras Carneiro Batista, Universidade Federal do Amapá, UNIFAP
Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF
Me. Camilla Mariane Menezes Souza, Universidade Federal do Paraná, UFPR
Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC
Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS
Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP
Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL
Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB
Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Ma. Emily Maria Torres de Magalhães Borges, Universidade do Estado da Bahia, UNEB
Dr. Déric Soares do Amaral, Universidade Federal de Pernambuco, UFPE
Me. Kleber Almeida de Albuquerque, Universidade do Estado do Pará, UEPA
Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional
Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A Ermida do Planalto

B333a / Ramiro Esdras Carneiro Batista; Carlos Ceza de Carvalho (organizadores). – Formiga (MG): Editora Unigala, 2024. 108 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-85101-38-7

DOI: 10.29327/5416339

1. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. 2. A Ermida do Planalto. 3. Memória. I. Batista, Ramiro Esdras Carneiro. II. Carvalho, Carlos Ceza de. III. Título.

CDD: 398.2

CDU: 39

1ª edição, 1945. 2ª edição, 2021.

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Unigala

CNPJ: 35.335.163/0001-00

Telefone: +55 (37) 99855-6001

www.unigala.com.br

editoraunigala@gmail.com

Formiga - MG

Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://www.unigala.com.br/2024/08/a-ermida-do-planalto.html>



Da obra de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira

A Ermida do Planalto

Prefácio de José Moreira de Souza

*Quereis ouvir minha história?
Pois bem, prestai-me atenção.
Puxai êsse duro cêpo,
sentai-vos junto ao fogão.
Não há poltronas macias,
nem canapés no sertão.*

Esperança, de F. Varela

Dedicado a minha distinta e talentosa colega
Professora D. Leondina Olímpia de Souza Monção.

Sumário

Apresentação: A Ermida do Planalto, do planalto, a Ermida.....	09
Prefácio à segunda edição: Manuel Ambrósio - respiração da poeira arcaica.....	11
Nota a terceira edição	17
Capítulo I	18
Capítulo II	23
Capítulo III	25
Capítulo IV	28
Capítulo V	31
Capítulo VI	35
Capítulo VII	38
Capítulo VIII	42
Capítulo IX	44
Capítulo X	49
Capítulo XI	51
Capítulo XII.....	52
Capítulo XIII.....	60
Capítulo XIV.....	66
Capítulo XV.....	69
Capítulo XVI.....	71
Capítulo XVII.....	73
Capítulo XVIII.....	76
Capítulo XIX.....	80
Capítulo XX.....	83
Capítulo XXI.....	86
Capítulo XXII.....	91
Capítulo XXIII	94
Capítulo XXIV	96
Glossário	98
O Autor e sua Obra	103

Apresentação

A Ermida do Planalto: do planalto, a Ermida

"Hem? Hem? O que mais penso, texto e explico: todo o mundo é louco. O Senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço!"

(joão guimarães-rosa, 2006, p. 16)

Há diferentes versões de *A Ermida do Planalto* constantes dos alfarrábios ambrosianos, isto para iniciar explicando o curioso título, ora adotado, que para além de pretender chamar a atenção do leitor, intenta espelhar a realidade de *novellas* em constante processo de reconstrução. De todo modo, prevalece nesta segunda edição o corpo do texto editado em 1945 pela Editora Monção, por entendermos que ele expressa a vontade última do *auctor*. A publicação, finalmente viabilizada em meados do século xx, deve mercê à grande amizade que desenvolvera o autor com a Professora Leondina Monção, uma das proprietárias do selo editorial, conforme percebe-se nos pré-textuais daquela edição.

As coincidências propostas nesta novela ambrosiana, que faz combinar eventos, topônimos, vidas humanas e igrejas abandonadas em lugares de seu *Brasil Interior*, fazem pensar que o autor teria romanceado histórias e dramas familiares dos quais fora testemunha ocular, ou, talvez, estórias que sejam fruto do trabalho de tradução escrita dos jogos de oralidade das gentes sanfranciscanas, múnus que tanto caracterizam a obra do velho-sábio.

Uma hipótese não elimina a outra, enfim... Sobre a necessidade de religião e o desejo de justiça propostos pela literatura ambrosiana, tire o leitor suas próprias conclusões.

Em algum lugar de análise da obra de Ambrósio, havíamos proposto anterior e, metaforicamente, que no sertão do *Paranapetinga*, os mortos são demasiado falantes, não por se encontrarem deslocados da sociedade dos defuntos, mas pelo espaço que suas memórias e percursos históricos ocupam entre a sociedade dos vivos. Reafirmo. Ocorre que esta Ermida ambrosiana em ruínas nos propõe, ainda, que aqui falam alto, além dos mortos, os monumentos e lugares de memória sertanejos, a que chamamos carinhosa e familiarmente de *tapéras*.

Isto posto, desejamos boas-vindas a mais um lugar de memória desse desmesurado Sertão onde, em se procurando, tudo por aí se encontra.

Ramiro Esdras Carneiro Batista,
da Comissão Mineira de Folclore.

Prefácio à segunda edição:

Manuel Ambrósio: respiração da poeira arcaica

Prezado leitor, no distante ano de 1968, eu me pus a conversar com músicos e apreciadores de música na região a que dei o nome de Diamantífera. Parti de Gouveia, segui para Diamantina, e visitei mais 14 localidades compreendidas de Conceição do Mato Dentro até Minas Novas. Continuei depois por Araçuaí e Montes Claros. Eu tinha uma pergunta elaborada a distância:

– Houve alguma festa que morreu nesta localidade?

Os entrevistados imediatamente me corrigiram:

– Festa não morre! Festas são enterradas!

Vivi muito tempo sem entender a diferença entre morte e enterro. Anos e anos depois, encontrei-me com este dizer de Zygmunt Bauman: “As ideias devem ser enterradas vivas – muito antes de estarem bem mortas!”¹

Aí juntei duas coisas; a fala de Bauman à nossa região de mineração.

Nós desenterramos tesouros. Às vezes, enterramos e anos e anos se passam. Tesouros não morrem. Devem ser desenterrados.

Muitas vezes se encontram à flor da terra. Nem é preciso desenterrar nada. Basta saber interpretar o brilho. Saber interpretar é grande ciência. Há ouros de tolos às vezes.

¹ Nota do prefaciador: Cf. BAUMAN, Zygmunt. 2012. Ensaio sobre o conceito de cultura. Rio de Janeiro: Zahar, p. 08.

No ano de 2015, uma turma de aventureiros do Brejo do Salgado decidiu calibrar o olhar para tesouros brilhantes. A sábia Dona Nelly lhes mostrou alguns guardados de um tal de Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. Eram diamantes, esmeraldas, topázios e muito ouro. Não foi preciso cavar. Nem mesmo bateia foi usada. Tudo à mão em velhos guardados.

Curiosidade! Essas prendas começaram a ser lavradas lá por meados do século XIX. A vila de Montes Claros, após a visita de Saint-Hilaire, passados alguns anos, soube do desprezo desse viajante pelo saber rústico dos moradores. “Os habitantes de Formigas têm a pior das reputações no tocante à probidade”. Formiga era terra de bárbaros, nem mesmo cantar sabiam: “Se apenas tivesse ouvido esse canto na Província de Minas, não seria certamente, levado a fazer tantos elogios às disposições dos mineiros para a música, pois que jamais coisa mais desafinada me feriu os ouvidos”.²

Imagine agora, prezado leitor, que esse povoado visitado pelo sábio Saint-Hilaire em 1817 se converteria na Vila de Formigas [Montes Claros] em 1831 e que, a partir de meados do século XIX, passaria a buscar na Cidade de Diamantina o modelo de enobrecimento?

Ciro dos Anjos há de nos revelar os segredos desses tempos de vida envergonhada nesses sertões ribeirinhos do São Francisco. O bisavô do autor, Coronel Pedro Versiani [Viriciani no original], mandou buscar o livro acusador de Saint-Hilaire. A “curiosidade foi castigada”:

“Depois de tecer loas ao anfitrião e à sua fazenda, Saint-Hilaire deu a ferroada costumeira, anotando que a dona da casa não lhe aparecera e atribuindo isso à tirania do marido. (...) o certo é que a observação aborreceu o chefe da família.”³

Resultado, a cidade do sertão deve imitar a corte do Tijuco. Afinal, os Versiani, enfeudados em Bonfim, serviram à Real Extração do Distrito Diamantino.

² Nota do prefaciador: cf. SAINT-HILAIRE, Auguste. 1975. Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Belo Horizonte: Itatiaia, p. 327.

³ Nota do prefaciador: cf. ANJOS, Ciro dos. 1994. A menina do sobrado. Belo Horizonte: Garnier, p. 91.

⁵ Nota do prefaciador: cf. PEREIRA, Antônio Emílio. 2013. Memorial Januária. Terra, rios e gente. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2013, p. 618-619.

Montes Claros se preparou para receber e ilustrar uma criança nascida no dia 7 de dezembro de 1865. Manoel Ambrósio Alves de Oliveira. Aos sete anos, o menino encontra-se em Montes Claros, acolhido pelo padrinho Carlos Versiani!!!⁵

Cursa as primeiras letras e a escola normal – fundada em 1879. Obedece à determinação de se tornar professor atento ao saber viver entre as luzes da lua e as sombras do sertão – no sertão, o sol abrasa. Manoel Ambrósio terá a cidade de Montes Claros como centro de ilustração e das contradições do Sertão. Os Versiani, o Doutor Chaves, Urbino Viana se tornarão referência para conversas férteis de apreciação de seus instantes poéticos.

Investido de professor, aprofunda os próprios estudos para ampliar o olhar com latim, francês e filosofia em longas palestras com o mestre Lindolfo Caetano, precursor do Filósofo Tatá, nas rodas do berço que o viu nascer.

A atenção para luzes sob sombras enseja o professor, o jornalista e o cronista. Ambrósio torna-se atento aos clarões da lua minguante. Examina vultos, desvela o sertão, fixa o “Brasil Interior”. *Brasil Interior* não é apenas título de uma obra; é síntese de um projeto. Há um Brasil Litorâneo. Há um Brasil de caranguejos de praia. No sertão, caranguejo é escorpião e escorpião, carangonço. Há um Brasil voltado para fora.

Há um Brasil que desconhece o Brasil!

Manoel Ambrósio se dedica a registrar o Brasil Interiorizado e o *Brasil Interior* que resulta da interiorização. O Julgado de São Romão não é simplesmente um topônimo; é símbolo e síntese desse Brasil.

Há que imaginar que a convivência com o padrinho Versiani em Montes Claros foi a luz da lua minguante que lhe revelou as contradições. Nobreza, homenagem e vassalagem. Mais uma vez, Cyro dos Anjos nos ilumina ao vasculhar “papéis velhos” do pai:

“Os Vercianis – como então se grafava – eram família graúda, com fumos de nobreza, pelo menos na cabeça daquela respeitável matrona, que açambarcava foros, títulos e mercês a toda a parentela. Vivia a repetir, com vistas às pessoas de memória fraca – especialmente o velho Deusdará – que o mano Dr. Carlos por duas vezes se elegera deputado-

geral, só não exercendo o mandato por não lhe convir transportar-se à Corte distante. E volta e meia punha-se a falar nas comendas com que fora agraciado o seu pai, senhor de grandes gados e lavouras, ou a relembrar a odisseia do Conde João Antônio, seu avô, que fugira da Itália por ser metido em intrigas e conspirações. [p.40]

Este relato tem a ver com escolha de parceiros para casamento em família tão nobre. Respirando esses ares e as figuras turvas em meio às sombras Manoel Ambrósio certamente decifrou a própria condição: vassalo ilustrado. Vassalo. É com esse olhar penetrante que nos apresenta o Brasil Interior:

“Quem quiser saber do gosto até onde podem chegar as phantasias populares do sertão, provoque-se-lhes a endêmica mania dos thesouros enterrados.”⁴

“Queira V. Exa. desculpar a indiscrição – saber da verdade do seu parentesco com esse célebre Manuel Nunes Vianna, que, segundo rezam as chronicas sertanejas, fora o primeiro dictador da América do Sul.”⁵

“Era já tarde, quando ali, luizcafuscososim, eu cheguei na fabíca de Santa Barba, casa do Incillintrissimo Cunselheiro da Matta Machado. Era um alarme aquela ferramenta da casa da fabica que um veio me amostrô.”⁶

Três amostras aleatórias de assuntos de palestras. Fantasia e tesouros enterrados. Os emboabas e o ditador do Sertão. O matuto diante do agente da modernidade. Síntese entre a ordem distante Conselheiro dono de Fábrica, e ordem próxima ao encarar os poderosos.

Agora, percorro os “gerais que o vento açouta” em noite de lua nova. Acendo archote com a binga que trago na algibeira. Sopro, sopro, sopro: – oi fuuu, fuuu, fffuuuu! Ufa, vejo uma carta para Urbino Viana, digno historiador de Montes Claros das Formigas. Leio:

“Exmo. Sr. Urbino. Tenho reunido algumas palestras. É sobre o viver nesses sertões. Januária 1912.”

Soube/imagino, luz bruxuleante, que Urbino leu as brochuras manuscritas e respondeu:

⁴ Nota do prefaciador: cf. OLIVEIRA, Manoel Ambrósio Alves de. 2015. Brasil Interior. Montes Claros: Ed. Unimontes, p. 207.

⁵ Nota do prefaciador: cf. _____. 2015. Brasil Interior. Montes Claros: Ed. Unimontes, p. 213.

⁶ Nota do prefaciador: cf. _____. 2015. Brasil Interior. Montes Claros: Ed. Unimontes, p. 235.

*“Prezado amigo Manoel Ambrósio.
Suas palestras populares revelam coisas a que ninguém prestou atenção.
Você deve enviá-las imediatamente para quem lhe pode dar valor. Sílvio
Romero é o cara! É o cara! Mande já para ele.”*

Obediente e quase ensoberbecido, o leitor do Sertão acondicionou em uma caixa a obra Brasil Interior e tornou-se “Remetente”: “Rua João Cravo”. O tempo passou. Passou. Eis que em determinado dia, Manoel vai ao correio e recebe de volta a mesma encomenda, em que o remetente era uma Biblioteca de Sergipe Del Rey. Manoel quase chorou. Aqui não houve padrinho. Mas, o homem que é homem não chora!

Achei/imaginei outra carta: De Manoel Ambrósio para Urbino de Souza Viana. Datada de 1915:

“Exmo. Sr. Urbino. Trucamos em falso. Sílvio Romero nem leu, nem respondeu. Entregou para uma biblioteca e agora fui ao correio e recebi tudo de volta.”

Urbino virou uma arara. Logo escreveu para um mineiro residente no Rio de Janeiro dando notícias do desprezo pelas coisas do Interior. Era o historiador Basílio de Magalhães. Esse autor registrou para todo o Brasil:

“Tenho informação fidedigna de que um meu conterrâneo, o Prof. Manuel Ambrósio de Oliveira, residente em Januária, organizou não pequena colheita de cantos e contos populares, ouvidos pessoalmente na vasta zona mineira do São Francisco. Remeteu-a a Sílvio Romero, que, encontrando dificuldade na tentativa de dá-la a publicidade, a devolveu ao dono, por intermediário do diretor da Biblioteca Pública de Aracaju. Está, portanto, inédita, - o que é pena, pois de quem teve azo de examiná-la (o Sr. Urbino de Sousa Viana) sei que por ela pode averiguar-se a influência baiana no folclore daquele extenso rincão da terra dos inconfidentes.”⁷

Até que enfim, Manoel Ambrósio encontrou oportunidade para iniciar as publicações de suas obras. Porém, para tal, o autor deixou o Interior pelo Litoral. De 1935 até o ano de 1942, ei-lo militando no jornalismo e palestrando sobre o Brasil Interior aos consumidores de lagosta.

⁷ Nota do prefaciador: cf. BASÍLIO DE MAGALHÃES. 1939. O Folclore no Brasil. Rio de Janeiro: 1 Ed, p. 34-35.

Antes de aportar à Capital da República, conseguira publicar o romance Hercília em 1923. Brasil Interior veio à luz no Rio de Janeiro em 1934 como “cartão de visita”. Uma vez instalado, seguiram-se, *Os Laras*, *Antônio Dó* e *Ermida do Planalto*.

Um feito posterior foi a criação do “Centro de Memória, Documentação, Informação e Pesquisa Professor Manoel Ambrósio” na, vejam, olhem, fixem: “Universidade Estadual de Montes Claros”. Leiam em voz baixa agora: “Campus de Januária”. Por tudo isto, elevo loas aos sertanistas Ramiro Esdras, Ros’elles Magalhães e Carlos Ceza, bastiões desse feito.

Agora, prezado leitor, você pensa que vou comentar esta edição da Ermida do Planalto? *Non nada*. Não lhe tirarei o gosto da surpresa.

Apenas recomendo que, logo que terminar a leitura, retorne às obras já publicadas nesta série: *Os Mellos*, *Antônio Dó*, *Os Laras* e para navegar ainda pelo São Francisco surpreenda-se com Joaquina, uma lenda urucuiana: Narrativa do Velho Zacarias a um jovem Bandeirante. Publicada em 2016 com recursos do Autor. Nome do autor? João Naves de Melo, residente em São Francisco. Coisas do Brasil Interior... Esses gênios do Sertão não têm mesmo jeito. Nem procuram mais saber de padrinhos nem de mercado editorial!

Arranje você também uma binga e um archote para alumiar as noites de lua minguante.

José Moreira de Souza

Comissão Mineira de Folclore

Nota a terceira edição:

A presente edição de *A Ermida do Planalto* não apresenta adendos ou mudanças em relação às publicações anteriores, mas fez-se necessária a fim de compor com o acervo digital que propõe disponibilizar toda a obra ambrosiana em acesso gratuito na rede internacional de computadores. Trata-se de trabalho partilhado entre pesquisadores/as de diferentes origens, ora vinculados/as a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES); ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais (IFNMG); a Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); e a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

Vamos às ruínas.

*Sertão Sanfranciscano,
outono de 2024.
Os organizadores.*

I

Em um estreito vale, formado pelos contrafortes da Serra da Conceição, à margem esquerda de um ribeiro dos campos urucuianos, vêem-se as relíquias de uma antiga fazenda, e nessa as de uma pequena ermida circundada de mato.

Fazenda e ribeirão tomam o nome da serra. Alí chegarámos em romaria no rigoroso inverno de 1913, após cinquenta e quatro léguas de viagem.

Tínhamos todo interesse na visita, começando pela ermida abandonada, demolida pela velhice e pelas chuvas, carcomida de bromas e de sóis.

Seu orago – S. Domingos – sob cujos pés dormem sucessivas gerações campesinas, que em melhores épocas assistiram aos esplendores de festas religiosas, e com elas se foram... passaram... qual neste mundo, mais ou menos, tôda a gente, pela penumbra de certa prosperidade.

No confrangimento de uma sombria atmosfera o sol nesse destêrro descia sôbre os montes numa serenidade desoladora, e incidindo n'uns contornos temperados de sombra e luz com suas résteas brancas, atravessava uma floresta nova de cana-fístulas, aroeiras e angicais, escondendo o templo.

Nesse penetrava um grande raio a iluminar o recinto sagrado, apodrecido de enterramentos, e de revolver constante dessa gleba de carne e ossos, insustentável já pela fraqueza e porosidade.

Entráramos por uma porta lateral dos escombros da sacristia, em cujas paredes trepavam para o tecto algumas ramagens de ervas silvestres, serralha e agrião do Pará.

Empolgára-nos a decrepitude do pobre templo, cuja cumieira, embora ainda firme, sustentava um travamento, envergado ao peso bruto de um telhado negro de pó, de folhas secas, de cisco, desunido e tão esburacado, que por fendas múltiplas entreviam-se pedaços de céu anilado.

Por ali escoavam-se os chuveiros do inverno, encharcando o chão revolto como vagas, sem ventilação no centro escuro da nave de ha muitos anos trancada.

Pela transudação constante da humanidade, estrias de limo verde sulcavam altas paredes internas, inda de pé. Raízes de árvores do adro, revesando-se pelos alicerces, aí brotavam; e esses rebentos crescidos e já arbustos vegetavam à sombra com uma folhagem mole, descorada e doentia.

A gramínea invadia esse sacrário, do cruzeiro do adro à porta principal, cobrindo-a tôda de tufo muitos verdes, graciosos e ondeados de um finíssimo orvalho.

Socavões de sepulcros, abertos pelas enxurradas e goteiras, afundavam-se esparsos, aquí e além, mais distante, orlados de lama, esvoroando-se, escancarando bocas escuras e nos falando insondáveis palavras de uma ternura infinita.

Ajoelháramos entre duas campas rasas ao lado dos restos do altar-mór.

O ar, saturado de um bafio insuportável e das emanações deletérias dos sepulcros, encurtou-nos os instantes de preces. Víamos ali, imóvel, muda e solitária a linda imagem de São Domingos, testemunha única de tôdos os que partiram, lembrança terna de tudo o que ficára. Estava a uma altura conveniente do altar-

mór encerrada em um tosco nicho de cedro cheio de ex-votos; e, posto que novo, ainda assim, estragado por um terrível formigueiro.

Fôramos até lá por uma escada de madeira roliça, mal feita e perigosa.

Uma chusma de morcegos que não gostára da visita, esvoaçara em tórno; e, mais breve e ameaçadora, uma nuvem de murianhas e vorazes urupuás caíra sôbre nós, mordendo-nos estas, e enrolando-se raivosos est'outros, pelos cabêlos, pelas vestes, chiando numa grita infernal, expulsando-nos do templo num volver de olhos.

Com efeito, saíramos e de carreira.

Uma vêz fora, respiráramos sôfregos o ar puríssimo do campo, o aroma das alfavacas e neves canforeiras, pois sentíamos-nos fatigados, quasi tontos.

Restabelecidos, pudemos observar ao norte uma coluna de nuvem tormentosa, ameaçando o horizonte.

Ventanias fortes precipitavam-se com estrondo na floresta, e em poucos momentos as quebradas altas das chapadas e os montes de terra vermelha se enegreciam céleres, penetrando nos abrutos das bocainas e lajedos, roxas flechas dos últimos raios poentes.

Guiados por um pegureiro, nos refugiámos na tapera próxima que servia de casa da fazenda.

Com fragor a trovoadá vinha chicoteando os flancos das serranias em busca do pequeno vale, faiscando o corisco em várias direções.

Os campos da Conceição e os urucuianos pela devastação de madeiros gigantes e seculares, pela mortalidade de homens e de animais irracionais, podem intitular-se pátria dos raios e das tempestades.

Notam-se os estragos desde que se penetra na floresta: cadáveres de palmeiras, massambés, aroeiras e páus-darcos... esfarelados!

Desta vêz, porém, não fora muito forte. Uma hora depois, perλούstráramos aqueles derredores, pontilhados de esteios denegridos de antiquíssimas construções invadidas de mato espesso de moitas e coqueirais.

Numa feia quadra, outróra, páteo, troncos e morões de currais, sinais de rêgo, entupido de areia, restos de engenhos, de sobrado, visões de oficinas, de senzalas, de cabanas esparsas, tôda essa poeira solitária trajava uma roupagem belamente de verdestelas, de papopacos e São Caetano.

De véspera, a imagem do que víamos fôra-nos descrita com o vivo colorido de grandezas e misérias humanas, de eras remotas e terríveis, de dramas pungentes, estigmatizando a intensidade fatídica de determinados lugares, como que eternamente talhados ou por outra, condenados para a desgraça permanente, contaminadora, lugares onde cousa alguma vai adiante, ou pode prosperar.

O crime e a sua impunidade forjam desses antros e florecem por algum tempo: mas, logo espantam-nos com o seu aspecto, sua sombra.

Sim: a iniquidade também gosa da sua época, sua novidade, embora inevitável a quêda, muitas vêzes pelo castigo do sangue derramado.

É um imperativo sôbre mortos e sôbre vivos; e tôda a vêz que chega tarde, pior vem a tempo.

Nesse agreste dia de inverno, enquanto assim ponderávamos, não sentíramos as horas rapidamente passando.

Sol de oeste!

Na linha do horizonte, ao fundo, a barra de montanhas e selvas mostrava os cimos corôados de jôrros torrenciais de luz entre massas de nuvens destacadas aqui e além pelos recantos do céu.

Ao vê-las, dir-se-iam fantásticas formas vivas saindo do incognóscivel, espiando cautelosas tumultuários segredos de pélagos sem fim.

De vêz em quando um trovão surdo bramia, e uma ondulação muito vaga, côr de cobre areiado, se misturava com o diorama acidentado dos montes.

Nas aberturas de umas gargantas, ao nascente, um formoso arco-íris descia sobre encantadora planície e águas do ribeirão.

Rápido chegara o fim do dia, mudando, tingindo o firmamento, nele estampando um crepúsculo brumoso com de fluorina.

Bandos de jandaías, araras, tucanos, súias e periquitos, vindos do sul, desciam nos cambaúbas e carandaís.

Mais distante na paisagem rústica de tapiás, brejaúbas, paineiras e barusais trincavam pássaros pretos.

No fundo da vasante escura da torrente os jacós acordavam ternamente o eterno e pesado silêncio da floresta; e, descendo pelos carreiros das grupiarias, numeroso gado mugia em busca do redil, mergulhado num clarão alaranjado e reluzente.

Na delícia espiritual desse concerto, como que animados, movimentavam-se os fantasmas das cousas idas, leves, voláteis, diluídas, como as águas brancas e brancas cerrações nos fraguados, céleres chegando do passado, falando uma linguagem clara e divina, a caminho destas moradas –romeiros da saudade, alma das plantas, das ruínas, tibias falanges contemplativas do ocaso de tantas gerações na ternura vespéral das Aves-Marias, rezando a história desta Ermida, erma e desamparada.

II

Toda obra se revela pela inteligência e tem uma razão de ser.
Tanto melhor.

As raízes da tradição oral e da tradição escrita são as mesmas e se entrelaçam, merecendo e exigindo o maior respeito de quem penetra o passado.

Perde-se na poeira do XVIII século o patrimônio desta Ermida de São Domingos no interior do sertão do São Francisco.

Quem a vê supõe-na logo em terrenos próprios.

Puro engano.

A igreja e sua milagrosa imagem foram transplantadas por assim dizer, de seu verdadeiro patrimônio na Fazenda do Riacho do Mato para esta da Conceição numa distância de quatro leguas.

Fundaram-na a fé antiga e robusta, a mais decidida devoção, a piedade e pureza singela e encantadora das almas sertanejas.

São Domingos do Riacho do Mato – romaria muito falada no vale do Urucuia, frequentada anualmente por mais de 8 mil almas num círculo de 30 leguas.

Constava o seu patrimonio de muitos alqueires de terras de cultura e criação, de quatro escravos doados e quasi 400 cabeças de gado de toda a sorte, além de excelentes paramentos, muito ouro, muita prata, numa renda de cerca de 4.000 cruzeiros em cada romaria, dirigida pelo vigário de São Romão.

Havia agregados em tórno da Capela e cuidavam da lavoura com permissão do vigário, formando um pequeno arraial.

O gado, entregue aos cuidados vaqueanos dos escravos, era de prospera fecundidade.

Vultuosas boiadas de vêz por quando dali se retiravam para mercados distantes e abastecimentos da vila.

E o guisamento da igreja corria assim muito bem por largo tempo, até que a famigerada justiça de São Romão nele ajustára suas garras.

A herdeira forçada de grandes e pequenas fortunas do município, Uzeira e Vezeira de terríveis atentados, ladra e perversa, alí lançára suas malhas forenses, fomentando e levando a efeito num monstruoso processo de furto de gado, pelos escravos de São Domingos.

Avante a devassa e triunfante a Justiça, foram à praça todos os bens da igreja e arrematados por bagatelas: gados, escravos, terra e a própria imagem do Santo, condenada a vários meses de cadeia, nela teria dado entrada, se o vigário, indignado dessas ladroeiras, não tivesse no momento oferecido os pulsos em seu lugar, sendo algemado como um grande criminoso.

Salvos os requintes da devassidão, tal a sorte, até hoje, da maioria dos Patrimonios eclesiásticos do imenso sertão do São Francisco.

Nesse particular a impiedade é horrível.

Esta – a história verdadeira da ermida de São Domingos do Riacho do Mato.

III

Reconstruamos êste templo, pois que a vida é uma veloz tragédia e... variadíssima.

O que os nossos olhos não viram, outros viram e estão cerrados para sempre.

Outros que não existem ainda e fatalmente hão de vir, êsses, raras, oh! bem raras vêzes, assistirão ao pouco que testemunhamos.

Retirados alguns passos destas venerandas ruínas, á margem desta capoeira enfesada, encontram-se os vestígios de uma tapera que pelos meados do XIX século florecera.

Era o casarão solarengo do major Rafael com várias dependências para os diversos mistéres da lavoura, vastas senzalas; e, penduradas pelos outeiros ou trechos de terras sáfaras, numerosas cabanas de operários e agregados.

Para o sul da mata, agora virgem, paralela à forma circular das serras distanciadas, no quebra-lúz das cordoalhas e lianas, afundavam-se uns restos da encantadora tarde.

Estavam lá os sinais da grande manga e amplo curral de tóros negros de aroeira da antiga vaquejada.

Por baixo dêsse sarandí intransitável de moitas de miroró, juremas, capim-barba-de-bode e espinharais, esquivava-se o sulco raso de um rêgo que molhara o laranjal e outras árvores frutíferas, os arrozais, os canaviais e grandes eiras onde se cultivavam em abundância o milho, o feijão, a batata, o inhame, a araruta, o abacaxi, o ananás, os carás e jacutipés.

Criava também a rega êsses mutilados e apodrecidos troncos de mangueiras que a ingratidão, crueldade, preguiça e ignorância de lavradores camponeses destruíram, – *roedores* em nada estimando ou respeitando êsses patrimônios, mesmo sabendo o que êles valham. Esses ratos, sem a menor necessidade, com o maior desplante, somente pelo prazer lambisqueiro de um favo de mel, sacrificam a mais linda árvore, tradicional ou não, desde que ouvem um zumbido de abelha que em seus galhos se aninhará.

Que diferença!

Onde outróra reinára a fartura, desterrando a inércia e a miséria, geradoras da madraçaria e do crime, negrejam agora silenciosamente as bravias sombras dos perobais, dos mulungús, das mutambeiras, das brejaúbas e vaquetais, entremeados de samambáias e serralhas.

Quanta canção, quanta luta nas derribadas por essas brenhas, quando os fogos das queimadas alumiam o fundo escuro do céu nas noites sem luar.

O engenho conversava, roncando dia e noite.

As fomalhas fumegavam acaloradamente. Grandes tanques de madeira fermentavam a garapa de cana para cachaça e os terreiros de cereais rivalizavam-se com os estendais de açúcar, secando ao sol.

Carros ferrados rechinavam, cortando estradas rumo á fazenda e continuamente tropas e mais tropas de diversos pontos aqui se abasteciam.

Os rebanhos da porta, ou do terreiro, mansamente subiam ou desciam pela manhã e à tarde os carreiros das chapadas. Êsse movimento assíduo da inteligência operosa, empreendedora e bôa, essas beifeitorias, vagas cintilações de outróra, foram continuadas reformas e não se sabe como, misteriosamente rolando

por fatores diversos, por desenlaces imprevistos e caprichosas prosperidades, de dono em dono, de desastre em desastre.

Não antecipemos, porém.

Na quadra de que tratamos, pela magnífica situação e fertilidade, atraindo as vistas cobiçosas de ricos proprietários dos arredores – estrela da prosperidade reluzindo ao longe, tal a fazenda da Conceição do major Rafael.

IV

Compunha-se a família do major, de sua esposa D. Joaquina, duas filhas – Rosa e Florinda e mais quatro sobrinhas – Magdalena, Joaquina, Pulchéria e Joana.

Por êsse tempo, só as duas primeiras eram casadas com uns rapazes, filhos de fazendeiros também abastados e famosos criadores no sertão.

Comprára o major êsse sítio e nele se estabelecera com seu genro Manoel Luís, casando-se Florinda um pouco mais tarde com Garcias Inácio Adjuto.

Por instâncias ou conveniências de família, permaneciam todos sob o mesmo tecto, intervindo nisto o espírito autoritário de D. Joaquina, recusando a todo o transe separar-se de suas filhas e dos seus netinhos.

Com a fumaça de rica, essa senhora de barão e cutelo, discriçãoariamente mandava e era obedecida naquela casa.

Tal ascendência exercia sobre os seus, que ninguém se atreveria levantar uma palha, sem primeiro um acêno do seu desmedido poder.

Queria?

Ponto final! e... bico!

Assim reinava sôbre o marido, genros, filhos, escravos operários e agregados, etc., sôbre todos, sôbre tudo.

A um gesto seu ter-se-ia convertido num só ápice, em pó, cinza e nada tôda a formosa fazenda da Conceição. De seus genros o mais estimado era Manoel Luís, que, adorando-a, trazia nas palmas das mãos, nas palavras, nas ações, uma bajulação escandalosamente estudada, tôda intencional, sempre concordado e resolvido para o que desse e viesse.

O segundo, Garcias Inácio Adjuto, não o era menos; porém, um pouco arredio, taciturno, reservado e independente, sentia-se afastado daquela preferência.

Amigo da boa ordem e pureza de costumes, sua sinceridade por vêzes desconcertava as qualidades conhecidas do seu concunhado, sempre abertas a demasiadas liberdades.

Garcias, desgostava de semelhantes predicados, disfarçava, suportando-os.

Aqueles dois casamentos tiveram entrada naquela casa pelas estreitas portas do cálculo; sonhos de fortunas, vapores de grandezas.

De amores?... Ah! Ah!... Nem um carço, nem pataca!

Árvore sem fruto, moeda do recolhimento! Que?!...

Apaixonar-se alguém pelas filhas ou sobrinhas de D. Joaquina, sem os requisitos do *berrante*, do *rinchante* e do *trincante*!...

Quando?!...

Ai, de quem quer que ousasse!

O orgulho espiava aquelas moças, como o jacaré a ninhada de ovos no seu montão de cisco à beira duma lagoa.

Através dos seus caprichos, cobiça, presunção, poderio e vaidade, muito rapaz bom, honesto e trabalhador aguentára com a *tabóca*; muito coração se despedaçára inutilizado para sempre.

Tôdas as afeições, por mais puras, ostensivamente afastadas! A verdadeira amizade corria léguas dali.

Tal a atmosfera, criando exemplos máus e de péssimas consequências.

O povo, nessa liberdade de tudo parolar, sentenciando, sentindo e criticando, alcunhára aquela família de *famía braba*!

Êsse o conceito, tanto no difícil trato íntimo, como no exterior, soando estranhos murmúrios, entre outros, os de crueis cenas de prepotência que o tempo brevemente virá patentear-nos.

V

Manda a justiça destacar dentre tôdos a pessoa do major Rafael, reprovando os excessos de sua mulher com judiciosas razões, tôdas as vêzes que fôsse necessário. Espírito de prudência e manso de natureza, desgostavam-no os abusos da esposa que se desabria logo, uma vêz censurada, permanecendo ou incidindo no mesmo erro. Pesadas e contínuas as refregas das quais aquele pobre homem saía comendo da *banda podre*, rechassado completamente.

Amava apaixonadamente os seus; e para harmonisar a família, sofria condescendente as desinteligências, esforçando-se pela tranquilidade de tôdos; mas, os desalinhos de Dona Joaquina desconcertavam-no.

Êle... um cão rafeiro diante de suas iras, mormente quando se lhe tocava no ninho.

Rompia com o imprudente numa fúria infernal:

– Não sejas idiota, Rafael!

Ou combinação nos casamentos com a nossa fortuna, ou estas meninas não se casarão nunca, enquanto Joaquina fôr Joaquina.

Ao que respondia o major calmamente:

— Que é isto, senhora: Que destempêro! Grande cousa está você preparando, mas, para si mesmo. Deus queira!

— Já tu comesas, bestalhão!

Qual *Deus queira*, nem pelo *não queira*! Queira o quê? Seria melhor cuidasses da tua vida; deixa-me com as meninas.

Você não gostou de casar duas e bem casadas?

— Não digo menos; mas...

— Que *mas*? Se você é homem, fala! fala!... Arranjou tudo, não foi?... Capaz! Prosa só!

— Não foi; mas, daquele modo, como da última...

— Modo! eim? que modo? *Modo* é de ladrão. Já virei, já sou ladra nesta casa; não sabia – uma cachorra! – Muito bem, muito obrigada!

— Eu não estou pensando, nem dizendo assim; chama-se isto adiantar, envenenando as cousas.

— Cále-se, maluco! Não te atrevas! não te atrevas!

— O diabo deu pra velho e também pra rabugento.

Sei muito bem, como, quando e com quem devo casar uma por uma.

Eh! tem graça! Trabalha-se, trabalha-se... acumula-se um dinheirinho com dificuldade, e o gôsto deste homem é passar tudo por dois vinténs de mel coado ao domínio dos estranhos, de qualquer *pé rapado*, qualquer sem ventura, o primeiro malandro que apareça, esfomeado caçador de casamento rico.

Molecagem desta ordem aqui não tem lugar, não entra aqui, *porque eu não quero*!

Quem quer ser grande sem poder, fica pequeno sem querer.

— Sim Senhora! — Suas palavras... sua sentença. Justamente.

É bem neste ponto em que você se acha; não sou e nem serei nunca do seu parecer.

Dona Joaquina, mais moderação neste seu modo de pensar; do contrário, arrepender-se-á, quando não houver mais jeito.

Senhora, eu não tenho a vida em minhas mãos.

Nem eu, nem você.

— Outra bobagem! Nem eu, como?

— Então, não serei mais Joaquina? Resmunga ao menos, caduco! Pestaneja! Anda! Eu quero te mostrar em dois tempos, de quantos páus se faz uma canôa! Boqueja! E eu te arrancarei este resto de barba branca da cara! Tu bem me entendes, tu bem me entendes!... Fazes-te de bêsta!...

— Joaquina!...

— Não sou de enganar, meu negro!

E, avançando para um chicote pendurado ao tórno, empunhou-o, berrando e batendo fortemente no peito com os punhos cerrados:

— Hão de casar com quem eu muito bem quizer, quando eu quizer e entender; ouviste? repetiu.

— Não é, nem deve ser isto assim; e se não quiserem?

— Rafael, não me provoques, Rafael! turrou Joaquina.

— Saiba (levantando o chicote) que êste, só êste é que me ajuda mandar aqui. Elas e você que se atrevam e verão.

Que desafôro! Tenho dito e entenda como quizer.

E novamente pendurára o chicote.

— Só estando alucinada, murmurou entre dentes; o orgulho te perderá um dia, sentenciára êle.

Na verdade, Joaquina, horrível! Uma féra!

O sobrado parecia pegar fogo, tal o azedume da hora.

Havia lá por dentro muito soluço e gemidos. E por que tanta rabugice e tamanho escândalo? Rafael, curtindo dissabores, não era homem para lutar com uma natureza de cobra. Morreria antes.

Intervinha, porém, quando os absurdos o magoavam e um desses se realizava, no momento em que chegava de um roçado pouco tarde, depois do fato.

VI

Pulchéria, linda menina de tez morena, dezesseis primaveras e caprichoso desenho da natureza, apaixonára-se por João Rangel, excelente rapaz, filho de um dos agregados da fazenda.

Era pobre; mas, pelo seu trabalho e economia contava com um recursozinho bem sofrível de algumas dezenas de gado, além de um pequeno capital apurado.

Linsongeados por êsse ar de estima, nem de leve pressentia a dissimulação e despeito de D. Joaquina, que de há muito, espreitando os amores de Pulchéria, odiáva-o desde logo e rancorosamente.

Descobrindo nêsse dia um pequeno canivete de madrepêrola no cesto de costura da sobrinha, obrigou-a confessar; e sabendo ser um presente do Rangel, cortou-a brutalmente a chicote, castigando do mesmo modo suas irmãs como alcoviteiras.

O sangue corrêra sem piedade e não lograra aplacar aquela fúria.

Mal terminára, gritou um escravo que acudira ás carreiras:

— Inhá, Sinhá?

— Quéde o Rangel? indagára, engasgada de ódio.

— Êle?... respondeu o escravo, coçando a cabeça, êle está na vaquejada!

— E estás bem certo disto?

Eh! Yáyá?

A modes que stá!... eh! êle... stá lá...

— Que esteja na vaquejada ou nos infernos, vá lá... Diga-lhe que safe-se de minha presença, desocupe minhas terras; e olhe lá bem, olhe lá!... Canivetinho que vai!... canivetinho que vêm!...

E, descendo apressadamente às dependências do sobrado, déra algumas ordens a dois guardas-costas que encontrára. Tornando a subir, travára com Rafael a altercação que testemunhámos.

O escravo partira.

Pulchéria, não obstante martirizada qual se achava, conhecendo o gênio de sua tia, não se descuidára, prevenindo o perigo.

Aproveitando o bate-barbas dos tios e iludindo a vigilância, alcança o escravo e por êsse avisa a Rangel que fugisse, sinão morreria.

Recebe o moço o recado de Dona Joaquina e ao mesmo tempo o de Pulchéria.

Tudo indaga do escravo e êste confirma o recado, terminado em segredo:

— Sinhô, Yayá mandou mesmo lhe matá; os cabra uma hora desta stá no seu piso. Ancê stá amontado n'uma bôa besta; ancê fuja se não qué morrê e hoje cumu sem dúvida.

Corre, pruguê os matadô, stão travessano um'hora dessa o córgo e na outra banda li sperano, tomando tôda las saída.

Eu ví Yayá mandano eles... e ancê não me descubra.

E não mentia o escravo.

Era notório que Dona Joaquina, por ostentação, mantinha ao pé de si, a peso de ouro, quatro demônios, quatro cães de fila.

Rangel não duvidára um instante.

— Quem sabe, murmurára êle para o escravo, se haverá mais tempo?

— Eu não seio, Yoyô! Ancê pensa bem e anda depressa.

Na verdade, grande risco, um momento perdido.

Despedindo-se do escravo e mandando um adeus à Pulchéria, agradecendo-a, dirigiu-se a todo galope para o ribeirão.

Êsse enchia com incrível rapidez por uma chuva torrencial, caindo em suas nascentes. Sem hesitar, Rangel arroja a bêsta contra a corrente, larga, impetuosa, avolumada, transpondo-a dificilmente.

Quatro formidáveis tiros de clavinotes ecôaram ao cair da tarde dêsse dia na margem oposta.

Se alguém morrêra ou não, ignora-se.

Certo é que nunca mais se ouviu falar, nem por notícias, de João Rangel.

Êste fato alarmára os campônios dos arredores da Conceição.

VII

Quási quatro anos que se casára Garcias Inácio Adjuto.

A fama de uma dessas bôdas sertanejas perdurava na imaginação ardente, quanto ingênua, de um povo, cuja índole festiva assinala-se até nossos dias por épocas excepcionais.

Pompa extraordinária; e os primeiros tempos do afortunado casal, perfumados todos de eterna lua de mel pelas aparências de invejável ternura.

Um mar de rosas em cujas praias litoreanas brincavam lindas crianças do primeiro e do segundo casal, delícias dos avós.

A negra rajada, porém, daquela ação criminosa e abafada lançára uma cortina de sombra na superfície azul desses sonhos, e Adjuto acordára ao primeiro éco das vagas agitadas.

Alto o império de sua sogra!

Êle, avaliando ponderadamente as cousas, cedo reconheçêra a necessidade de retirar-se quanto antes, e sem demora comprára um afastado sítio com as precisas comodidades.

Preparado êsse, insistíra no seu propósito. Contrariava-o, porém, imensamente a esposa com evasivas, e no fundo de maneira alguma desejava acompanhá-lo.

Usando de meios persuasivos, dissimulava êle os desgostos que experimentava; pois que, todas as vezes que feria semelhante assunto, vinha o mundo abaixo: amúos, ditos, remoque, choradeiras, ataques, desafôros e a recusa formal por fim.

Manoel Luís, nessa ocasião, entendêra, por sua vêz arranjar também um sítio. Idênticos pensamentos, ao que parece: ao Manoel, porém, impôs a sogra, alegando ficar sózinha e não haver necessidade de mudanças.

— Mudança por quê e para quê? Que faltava?

Não estava alí para todas as exigências inclusive o dinheiro?

Não! Manoel, o filho querido e de seu peito, dela não se separaria nunca! Não consentiria!

Diante de tais razões, de bom grado, Manoel, acedendo, se ficára.

Não assim Adjuto.

Preocupado por torturantes idéias, a princípio sob confiança, desabafava-se com Manoel Luís, amargamente, queixando-se da sogra e da esposa.

Êle ouvia-o; e suas opiniões terminavam sempre, contrariando ao Adjuto que, desconfiado dêle, começou a fugir, como um aliado da sogra.

— Não vês, prosava Manoel Luís, que essa mudança é uma verdadeira tolice? Você é muito moço; e por isto, não mostra ter muito alcance.

— Também pensei arranjar sítio; está pronto; mas, a bondade de nossa sogra cativa tanto e de tal maneira, que desarma a gente, e eu não sei arredar pé. E o nosso sôgro, eim? Que pérola! Não acha não?

— Que dúvida!

— Sim! um pai em toda a linha; faltam-nos aquí somente sarnas para coçar e nada mais.

Além do que, meu amigo, temos filhos; os avós, não podeis negar, os adoram; e desgostá-los, seria uma arrematada loucura! Ninguém mais ancioso do que eu, para retirar; porém, com azedumes, não!

Mais devagar, moço! Olhe o futuro. Não querem que nos separemos: a bondade de velhos, carinhos de quem ama e não vale brigar-se por uma bagatela.

— Que resultado – sair de casa e estar em casa? Teu sítio dista umas três léguas, e o meu apenas uma; ora, uma, duas, tres ou mais que fossem, dariam no mesmo. Não façamos cara feia com quem tanto nos estima. Florinda, coitada, essa tem quási toda a razão: muito nova, nunca largou a barra da saia da mãe... e demais... adoentada... nervosa... Homem, deixa-te disto, mais paciência! Não apertes as cousas.

— Muito justo o teu parecer; pena que com êle não me conforme; e sabes por quê?

— Por quê, então?

— Sempre usei de franquezas em tôda a minha vida.

— Ah! já vens com as tais franquezas que parecem com fraquezas. Franquezas matam.

— Bem sei. Morra quem morrer, cada qual no que é seu, não anda enganado,

Enjôa-me êste lugar.

Decididamente quero estar em minha casa; ando ancioso e não me demorarei. Não há fôrças...

— Eh! cada qual é dono do seu juízo: como entende!

De mim, ninguém espere contrariedade neste ponto.

Se soubesses arranjar as cousas...

— Arranjar as cousas!?...

— Sim, Adjuto! Não queres compreender... que além dos bons haveres, o *bôlo* aqui, eim? E o pixuá de casa, é avultado, é grosso, é cobiçoso. Ouro... nas quartas velhas... em couros de boi, secando ao sol.

— Embora! Isto não me mete cócegas.

— Não te mete cócegas, maroto! Gracejos de sapo: *joguem-me no fogo, não me atirem nágua!*

— Duvidas?

— Duvido!

— Veremos!

— Sim, veremos!

Palestras tais nem sempre terminavam em gargalhadas da cordeal familiaridade. Garcias, mal humorado, passava a sós dias inteiros, e depois, semanas em sua nova herdade.

O prazo marcado se extingüíra, e só depois de um *arranca-rabo* entre genro, filha e sogra, um outro ficára definitivamente concertado: trinta dias.

VIII

Enêsse interregno, mais um outro fato extraordinário na Conceição:

Antônio, o afilhado de Dona Joaquina e por ela criado desde pequeno, amansava um bonito pôtro para o silhão de sua madrinha.

Dados os primeiros ensaios, conseguira admiravelmente transformar em poucos dias o rústico animal.

Peão de nota, garbosamente pela manhã e à tarde dava um passeio, aperfeiçoando-o antes da entrega.

Um dia, mais cêdo do que do costume, saíra.

A estampa do animal agradava ao mais exigente amador: impunha-se pela robustêz, pela altura, cabeça bem formada, olhar de fôgo, cintilante, um queimadão de gôsto, adestrado em todas essas marchas apreciáveis no sertão.

Pouco antes das onze horas!

Estavam á janela as sobrinhas de Dona Joaquina, quando casualmente pelo páteo e de perto passára Antônio, que por uma tentação de moço vaidoso,

esporeára o cavalo; êste, empinando-se de dôr, dera um perigoso salto sem que com êsse se abalasse o cavaleiro.

Causára a pirueta um inocente entusiasmo entre as moças:

— Bravo do cavaleiro!

— E da mais bela garupa para tão lindas moças! — gracejou também rindo-se, batendo uma palmadinha sonóra nas ancas do animal.

E, de novo esporeando, lá se fôra.

Sem ser vista, em uma das janelas laterais estava Dona Joaquina.

Tudo ouvira.

Ao alvorecer do dia seguinte, com o coração varado por um punhal, para sempre adormecêra o pobre Antônio, assassinado por um dos sicários secretos, a mandado de sua madrinha.

Déra-se o crime, quando dormia no seu quarto, uma das dependências do sobrado. Bom menino, órfão, criança de seus dezesseis anos!

Aquela barbaridade sem igual, ecoára longe, enchendo a todos de consternação.

Agregados, os de mais juízo, a pouco e pouco foram-se despedindo da fazenda; e se alí não estivera a pessoa atenciosa, nobre e querida do major Rafael, aquela casa teria caído antes de tempo aos pedaços... de pôdre!

Os camponeses esconjuravam-na ao vê-la.

Gente culta... nem por sonhos.

A vizinhança encolhia-se.

O isolamento e o remorso entravam de duro, e Joaquina emproada, afrontando a tudo e a todos, permanecia como cascavel às bordas do buraco.

Relações sociais... cortadas tôdas!

IX

A djuto, convencido da impossibilidade de viver insulado mais um dia só na Conceição, pesarôso e envergonhado dos acontecimentos que se complicavam para peor, terminantemente resolvêra partir de qualquer maneira. E não isto sómente.

Aquela mistura de famílias de execrável convivência gerára discórdias, lavrando, como consequência, um terrível ciúme entre os dois genros de Dona Joaquina.

Daí precauções de parte a parte e as antipatias da sogra contra Inácio, sugestionadas por Manoel Luís.

Ambos se armavam até os dentes e em silêncio.

Rancôres fundos, ódios de morte!

Certos rumores soavam ruins ao longe.

Garcias recebe nêsse interim pedidos terminantes de seu pai para deixar a Conceição no mais curto prazo de tempo.

Em obediência, êle imediatamente dispõe as cousas e marca o dia da partida, pois que também, o primeiro estava extinto.

Joaquina escumava de desapontamento, impondo condições.

De acôrdo com a filha, reprovára a viagem.

Garcias não atendêra a projetos, nem promessas, rompendo com a sogra.

Acudira a filha e a briga ferveria desapiedada, se a tempo não intervem o major – o anjo conciliador, ficando assim indecisa a partida de Florinda.

O infeliz rapaz viu-se obrigado a mudar de tática; isto é, sériamente chamar a espôsa à razão e convencê-la, dêsse no que dêsse.

Lá pelo comêço de uma bela noite de luar – lua cheia, peregrina, de novembro, vagarosamente se elevando a caminho do deserto azul, ataviado, de imensas tendas móveis de nuvens, estendidas pelo infinito projetando sôbre a terra soberbas télas de sombras viajôras.

Uma claridade, divinamente purificadora, derramando-se através da noite e evocando a alma das plantas, revelava para além das trévas a forma indecisa do arvoredos, onde o sereno escorria da folhagem adormecida.

Raios imensos, transparentes, sulcando os ares, difundiam-se nas ourelas da mata, estrelejando-as de résteas celestiais.

Dos longos boqueirões da serra, recamados de neves, múrmuras e grossas águas, encachoeiradas sacodiam o torpôr dos êrmos numa sonoridade deliciosa.

Acolá, em meio eminência da ribanceira, o sobrado com as paredes caiadas semelhava a um gigante, ou um fantasma, olhando fixamente a paisagem rústica e o firmamento no caminho Santiago.

Fim das safras e moagem das canas. O engenho de páu roncava com estrondo ao som de harmoniosas cantigas.

O moinho movia-se soturno, como um vago terremoto, e a compassos, expedindo em gritos angustiósos para os declives das margens do ribeirão, o

monjolo que não dormia: – ai! ai! ai!... e depois numa pancada sêca – traz! traz! traz!... para recomeçar ainda.

Nessa hora às janelas iluminadas do casarão chegavam cabeças humanas, passavam, apareciam, sumiam-se.

De fóra, entravam, saíam, subindo, descendo, falando, gesticulando sem intermitência, numa faina encantadora.

A um canto das sacadas na extremidade a esquerda, mais retirada e silenciosa, duas pessoas conversavam, se bem à meia voz, mas, distintamente os restos do seguinte diálogo:

— Florinda, decida isto de uma vêz:

Vais ou não vais?

—

— Já não estou pronto para suportar a vida que levo; por boas maneiras tenho-te falado, e deves compreender que nem tudo o que aquí se vê nos pertence; demais, temos onde residir também e acima de tudo o que zelar.

— E que tem a casa de meus pais?

— Nada! ora, que tem a casa de teus pais?!

E tem ela alguma cousa? ignoro. Se há, já não me serve; se não há, tanto melhor.

Não quero, nem desejo permanecer mais nesta fazenda da Conceição.

— Os incomodados é que se mudam.

— Daqui é que eu não saio; não vejo qual o atrevido que me arranque.

— Não saís?!...

— Nem aos pedaços! Eim, está bom! Não me aborreças, pois, has de arrepender-te.

— Não me provoques.

— Não te acompanharei.

— Aos pedaços, aos taquinhos... ou aos farelos!...

— Virgem Nossa!... Estás hoje de uma insolência desmedida... e de uma brutalidade insuportável. Não sejas tôlo!

Irei se eu quizer e quando eu quizer e entender.

— Se assim é, porque te casaste comigo?

— Tu ainda me perguntas!... Foi por desgraça minha.

— Nunca te amei.

— Florinda!...

— Florinda, o quê?!... Já não te disse tantas vêzes, e tu mesmo sabes que eu não te quero nem pra cola de sabão, que casei-me contigo à fôrça? Alguma dia te vi, eu te fiz alguma declaração, miserável, para queres governar-me, e governar quem? A mim? Vá pros infernos, peste!

— Florinda, minha resolução está tomada, definitivamente tomada!

Amanhã isto se acabará. Não sou homem para abafar, para comer calado tantos desafôros.

— Nem eu mulher para aturar-te mais.

Eu e mamã já sabemos porque tu e os teus aborreceram-se de nós; mas, mamã é que não come desafôros; e tu... olha lá! Ah!...

— Ah! o quê? Cuidas que morro de caretas? Sua mãe não come desafôros... e eu que os mastigue e engula com buchas e tudo, não é?

— Sêbo!

— Juro que não te acompanharei.

Não vou, porque não quero ir.

— Tu dizes – sêbo – mas, é aquí e ainda não vistes nada.

Uma porta contígua ao salão rangeu levemente.

— Sêbo! sêbo! e sêbo! aquí e em tôda a parte para você e tua mãi que nunca viram cousa alguma.

Ela anda urdindo e tecendo e tu cortando o pano; pois bem, já que desejas estar à tua vontade, fique porém, sózinha.

Tomarei meus filhos, ainda que seja preciso pleiteá-los na justiça.

Esteja avisada disto; e afinal, não te esqueças de que parto amanhã.

Cambada de gente atôa!

E Garcias, desvairado, quási sem poder sufocar a cólera e o grande despeito que lhe pungia o coração, desceu as escadas, deu ordem a uns escravos que encontrára; e, ganhando o páteo, se embrenhára na floresta.

X

Noite bastante fria!

Mas, os gêlos da natureza não apagam as lavas do desespero.

Pobre rapaz! Como vimos, quatro anos que se cásara naquela família a contragosto de seus pais: êle, pórem, obstinado pela paixão, inexperiente se deixára levar pela primeira onda dêsse fôgo, realizando o que desejava.

Um dia, a negócios de gados na fazenda, vira a formosa Florinda e logo êsse pedido intempestivo, sem consultar o coração da moça.

Esta, sendo ouvida, *deu um fóra*, recusando-o terminantemente.

Rafael, seu pai, desprendido, como sempre, de interêsses outros que não visassem a felicidade de seus filhos, por sí aprovava-o, desde que a filha anuísse; porque o pretendente reunia em si todos os requisitos dignos de sua mão.

Tudo, portanto, dependente de sua absoluta vontade: sim ou não!

Dêste modo e por esta cartilha não rezava sua mulher.

O casamento convinha de qualquer maneira, não só, pelas qualidades do moço, oriundo de alta linhagem, como porque, era rico; e em questão de dinheiro – bolas para o coração.

Aquela sobrelevava a tudo, e sua autoritária e suprema palavra – a última resolução.

Disse? Estava dito.

Para desmanchar persistências e amúos – a lei da ordem; o *santo couro* sem piedade, como l'ho chamava, Dona Joaquina, entrando sem demora em execução.

Zero, assim pois, a autoridade paterna e vontades de filhos.

E o nefasto consórcio se realizára num dilúvio e prantos, arrastada a pobre Florinda aos altares, sob o guante de ferro daquela desnaturada mãe.

XI

Eis, por quê aborrecia o esposo com esse tremendo desprezo que, sem perdão nem misericórdia, sempre buscou dissimular para com os estranhos e cautelosamente entre os seus, por temer as iras de sua mãe, a quem de coração amaldiçoava, reputando-a culpada... culpadíssima de uma situação sem remédios.

Para o exterior: a paz, a serenidade, os céus, flores e perfumes.

No interior: a luta, o inferno, o diabo vivo bolindo, o tanque da água pôdre remexido.

No entanto, o milagre do martírio suspendia às bordas do abismo o anjo que para o fundo se despenhára, amparando-se nalgumas arestas do caminho.

Para a espessura dêsse ódio negro, impenetrável, rancoroso, um amor puro, santo, inefável, amor da paixão sincera, tão íntima e tão grande, quanto capaz de todos os sacrifícios e provas de amor. Amor qual se não pôde ver mais amar assim: ternamente... ardentemente... desveladamente!

XII

Quási louco e arrebatado por essa dolorosa torrente da fatalidade, arrependido e desatinado daquela ingrata decisão, Garcias caminhava a êsmo por uma bôa extensão da floresta, esbarrando insensivelmente nos cercados de uma catacumba por um trilho de gados.

A noite clara e belíssima, esplendidamente lavada do luar, recolhia-se atenciosa, como que a escutar divinas árias dos caliangús nas caatingas e dôce murmúrio das águas do ribeirão. Môrto de fadigas, sentára-se as raízes dum frondoso baruzeiro.

Queimavam-no as respostas duras, inesperadas e positivas de Florinda.

Tinha uma idéia fixa: abandoná-la para sempre, perder todo o seu futuro; mas... os filhinhos?...

Esta lembrança confrangia-lhe o espírito numa ternura amarga, e esta fê-lo chorar copiosamente.

Bem profunda, tamanha desventura. Estava escrito que o tempo jamais apagaria essa ingratidão, e a dúvida, negra e invisível tromba das tribulações, quasi alucinava-o.

Derramadas as primeiras e abundantes lágrimas, respirára aliviado por instantes, embora, pensamentos agros tomassem novo curso, apontando-lhe insistentemente aquela terra ensopada de sangue e sangue inocente.

Horrorizava-o a malvadez da sogra.

Virações do norte sopravam suavemente, e de vêz em quando traziam em suas azas os ecos de uma consoladora melodia... lá muito além.

Eram o ofício e a ladainha de Nossa Senhora, cantados nas senzalas, aos sábados, na hora do repouso.

Ouvindo êsses cantares místicos, embalados santamente pela fé, Garcias sentira um prurido de violento desprezo confundir-lhe as idéias.

Enxugára as lágrimas, substituídas desde logo por uma rajada de indignação a refter-lhe o sangue.

Não! Não era possível que o céu se reconciliasse com as artimanhas daquele monstro.

Tudo acabado!

Nem mais um dia naquela *mantiqueira*!

Romper com aquela gente, dizer-lhe o último adeus, e nunca mais, pôr os pés naquela terra amaldiçoada.

Ia levantar-se, quando, dentro dos rumores da grande selva pareceu-lhe ouvir vozes humanas.

Deteve-se.

Sem que soubesse, a estrada real passava perto.

Por ela vultos negros se aproximavam, amparados pelas sombras do denso arvoredor, estriado do luar.

Quatro pêssoas, conduzindo qualquer couza pesada, caminhando com embaraço, parando de vêz em quando para descansar.

— Ladrão! Suspeitou Adjuto.

Quis avançar; mas, instintivamente recuára, não duvidando de que de algum fato excepcional se tratasse.

Com efeito, não tardou muito reconhecer os guardas-costas de Dona Joaquina, parados à distância.

— Alguma miserável empreitada!

Mais uma! Quem sabe? Ponderára Garcias, e não se enganára.

Conversavam a meia voz.

— Come-gente, cum'ê que é?

Não acha bão que se faça a inconvença aqui mêmo?

Ô dispois, a gente enterra este bicho de baixo daquele baruzeiro.

— Seu Cabaça-mole, o negro pra sê bom escopeteiro, deve tê um pé e três tornozelo c'o xambari grosso.

— Uai! Tu só anda c'a bestagem do ditado, demoin deste surrão de embira!

Apois antão, que diz você, Cascavé?

— Que m'importa c'o essa disgrácia!

É cumu quizé. Quem piza e cessa é quem sabe o fubá que rende.

— Inda mais essa! S'isto não serais?

Nêgo da tua cavalidade!

— Que é Cabaça-mole?... Seu Xico Trigue! Serais ou não.

Ora si... Né não? Cé qu' é devéra!

Galinhou!

— Stá bom moço! O que eu não queria, é o que vocês acha bão.

— Quem não stá veno qu'ist'aqui na bêra da estrada é um perigo? Um lubambo?

— Inté qu'é mais difírcio. Nois torra êle aqui mêmo.

— Ora veja!... Mais, por que aqui?

— Uai! Iss'é qu'é. Póde-se dá logo c'o vestige; póde'zê.

A terra fica muito zaroiada.

A gente deve andá muito precatado, emboras, condo a gente putréca sua palav'a tem de comê-la ou vertê-la.

— Que diz, Cascavé?

É ou não é, siô?

— Stá certo, stá sem mermas. Oia, que sisturdia aconteceu?

Já todo mundo já sabe do embrecho do distraveio do Ganzé...

— Quis Ganzé, besta! Do Ganzépe!...

— Col Ganzépe, cafagéste!

— Bazé... ah! Do Bazé... um nom'assim distrabanado...

— Eh! Eh!... do Bazé! Concordaram os quatro, inclusive Come-gente; nóis fumo desempenhá e foi aquele aceiro, aquele eito!...

— Aqui já notei que só véve de isbiutá a vida aêia; mas porém, passa má. Pros esbiutadôs canaias, duas enxada! Anda-se entrosando c'a patrôa... eim? E ela que não é bôa abeia!...

— Só se abre o boé, hoje'em dias pra enredá; e puristo, a gente mufumba um cumu este, bem mufumbado. Stá pra quê sirve se andá linhavano!...

— Pru que é este que aqui vai, cumu sem duv'da tem de s'enterrá vivo, pro buraco?

— Pra siervi d'imzemplo! Intonce, só querem andá incunivano?

— Eh! Poi'zé! Achou de mexerica!... Incuniva agora!

— Agora, êle vai se acha ca ispiticação.

— Foi quem foi dá aviso na vaquejada ao Bazé, sinão, em vêis do lado de lá do reberão, nois tinha torrado o safado do lado de cá.

— Quem sabe se tombem o causo do Antônio, afiado da patrôa?...

— Se foi! Quem não stá veno logo esse fuzuê? Eu de mim, lárrum'êla!

— Agora, pena-pecante é de se andá falano. Quem muito conversa, dá bons dias a cavalo.

— É pur isso qu'eu ando mei quéto.

Patrôa não é caçoada. É mulher que não dá plebas; ela pramode manda iscambixá um, é negrona, é macha e não muda de camisa.

Mulher onça! Quem póde, póde, quem não póde, não projode.

Ninguém subaca ela não, quê... eh! Eh! Stá danado! Já morreu!

Eh! Já morreu, que o negócio tem mangerica.

— Apois é dona, donára e donatára daqui.

Stá doido, siou? Nem se póde se fala.

— Conto a isso, já caiu fedeno na toada do cão.

— Cai ciscano na fumaça da pol'va!

— Condo não, no espirro da papa-côco. Nois bem stamo veno ist'aqui. Stá qui nem porco. Stá torrado.

Aqui nem arco do Reis não vale.

— Gente, bamo-nos embora. Já se conversou-se muito e o tempo stá rompeno.

— Ora, já se chegou-se aqui estabaforido c’a carga que peza que nem um capado gôrdo.

— Dexa lá de negócios de porco.

— Pôrco é que lavanta home.

— Não atemo; dos porco é que se fais os home.

— Bamos lá! Quem tem o mate é quem dá *zape*.

— Plebas só, já se vê; não pita teu fumo, não toma teu rumo não; e daí, daí...

— Ora home, me deixa. Que tinha, agora, o Gazé se cazá ca tapuia?

Era vaca pru castigo; êle tinha, ela tinha... Bem bão!

— Um! Tu stá hoje variado, conversadô de mais. É só insuquí na cachaça... ô dispois... Canjarana daqui não fais garapa.

— Bôrra! E que tem dispois?... dispois o quê? Dou fé disto?

Só se fô... fum! Môço, qu’é besta!...

— Trata os outro bem seu môço! Sê besta!

— Besta, cumu? Desafôro, canáia! Come-fôgo! Iss’aqui não é entrá na xumada não.

Pas profunda das caverna dos inferno, gatume!

— Que stá dizeno? Cara de couro de cobri carga?

— Gentes, deixemo de zoada e de satisfa que mato tem zóios e parede uvido. Que tem vocês e nois tudo de se intrometê nas cumilidade de quem póde? Cês qué cumpará a morte c’a sedente? Bamo-nos embora que stá em tempos de amanhacê, e nois aqui.

— Deixa lá os outro; cada um caça seus agigo. Bamo-nos embora, gente!

— Sunga, sunga carga prá ribas, que o dia é vem, e ainda se vai abrí sipurtura funda prá Luçofé cisca c’o êle inda vivo.

— E com’ê que é? Por aqui mêmo ou...

— Poraqui mêmo; mas porém, mais arretirado da estrada pras banda do reberão.

— Eh! Eh! Sunga! Bamo! Agora se deixa a estrada e se tafia no mato toda a vida.

— Êta diabo que peza! E não falano descortezmentes, ando que não posso c’as cazeira. Não posso qu’essas infuca.

Ah! Tixé! Ah! Tixé!... Tixé!...

Ao que o outro respondeu de pronto:

— Jaléco!

— Jaléco? Que diabo é isso de jaléco? Quis vêm a dizê?

— Dizê o quê? Parece indiota da cabeça!

— Eh! Nunca oví! Lá nas cumilidade dos home da praça condo se espirra se diz: Pra semp’e! Se é barvio, basta gritá – Arco dos Reis – pacabá.

— Ah! Isso sim! Mas porém, jaléco!... Ah! Quá! Quá! Gargalhou o falante. O outro retrucou desapontado:

— Sim senhô! É ansi mêmo que se fala, e já seio que fiz mal in ajuda este cornunata. Me dá um óidum!...

— Cornunata é um Cuma você.

Não seio onde stou, que não te quebro esta cara!

— Coitadim de você! Defunto feio!

Te lasco me’a faca até o cabo.

— Vem, meu mano, vem! Toma a cara!...

Ia-se azedando o caso, quando um gemido de quem está amordaçado repercutíra na sossegada estância da catanduba e os sinistros vultos desapareceram na escuridão das moitas.

Garcias compreendera, então, essa manhas de compridas rezas nas senzalas da Conceição, sempre em casos semelhantes.

Teve dó e ímpetos de enfrentar os malvados, desbaratá-los e livrar o pobre escravo daquelas garras; e não pudera.

O caso era dêle conhecido.

Fôra bom.

Estava desarmado e fatalmente cairia vítima da brutalidade dos asseclas.

Ao longe na floresta os galos das palhoças anunciavam o pino da meia noite.

XIII

Qual a cruel e mais positiva das realidades?
— A desilusão.

“Vêdes esta entrada?”

“Resignai aqui toda a esperança.”

Partia, afinal, Florinda, depois de uma resistência proposital e desesperada de longos meses adiados.

As ameaças do marido em tomar os filhos, pleiteá-los, se tanto preciso, perante a justiça, foram o amestrado golpe, habilmente desfechado nessa arrelia doméstica. Poderia, quem sabe, trazer consequências bem graves; pelo que, tudo se modificára de um momento para outro. Joaquina estava a par de toda a altercação da véspera, à que assistira, em parte ou quási toda, de um dos quartos contíguos ao salão.

Bem vontade de intervir; mas, aquela decisão tornára-se séria, estava feia.

Naquele coração entorpecido, onde a luz da razão não entrava, à força penetrára o receio.

Realmente havia contas e terríveis com a tal senhora justiça, se, por ventura, um dia chegasse a cair nas malhas do seu poder.

A criminosa reprimia seus arrojos, perdendo bastante da sua empáfia para um atentado a mais, se possível.

Um violento desejo de vingar, morder, rasgar, ferir e estrangular o genro, sacudindo-lhe os nervos; mas, poderia dar escândalo, ser pior e refletira dessa vez muito, ante as lágrimas da filha, persistente e muito confiada em sua mãe, a quem tudo expuzera.

— Parte! Minha filha, parte! Isto é um doido; deixa que vá o desgraçado. Concertá-lo-emos depois. Deixa o resto comigo.

Você vai? Pois, você tornará.

De volta da floresta Adjuto não mais respousara um só instante.

Conforme ordens suas a viagem se resolvêra com celeridade tal, que às oito horas da manhã, o último cargueiro dobrava a curva da estrada, sumindo-se entre as árvores.

Contidos por um escravo, dois cavalos arreitados, mascando freios, nitriam, escavando impacientes o sólo, olhando os cargueiros que distanciavam.

Pelas sacadas, janelas e pátios notava-se um pessoal curioso dessa partida, tão falada, duvidosa e tantas vezes desfeita.

Garcias, embora aflito e triste, exultava-se interiormente; receiando mais delongas, subira as escadas para despedidas, e incontinenti voltara ao pátio afim de esperar a esposa, obrigando-a assim andar mais depressa.

Embaraço imprevisto: tão cedo o Sól dêsse dia abrasava já a atmosfera, promissora de copiosa chuva à tarde.

Duas criancinhas não suportariam, portanto, os rigores da estação calmosa.

Dona Joaquina fez-se de mel e se foi ao encontro de seu genro que, cavalgando, acomodava no cabeçote do selim um travesseiro macio para o mais velho dos filhos.

— Adjuto, venho pedir-te um favor.

— Sim senhora, vejamos.

— Acho bom você deixar as crianças.

O Calôr, está demasiado e não aguentarão a jornada; irão depois em um outro dia mais fresco; amanhã, por exemplo, logo cedo; caso não chova, mandarei leva-los cuidadosamente.

Se forem hoje, sofrerão muito no caminho.

Adjuto, bem como as pessoas presentes, acharam razoável o pedido.

Em verdade, o sól tinha.

Removido o obstáculo, ansiosamente esperou pela esposa.

Não vendo-a desaparecer, entendêra que a demora seria justa: desembaraçar-se das crianças que choravam e preparar para sair às ocultas.

Mas, embalde que esperava.

Impaciente, pensára em ir ajudá-la.

Apeia-se novamente, descansando a espingarda que levava a tiracolo ao pé da parede.

Galgando pressuroso a escada, chega até a sala; mas, aí não estava a senhora.

Dirige-se procurando-a ao seu quarto, onde a encontra debulhada em lágrimas unida a Manoel Luís, sentados e abraçados ambos em seu leito em febril e criminoso anseio.

Nada mais preciso.

Desvendadas as cousas misteriosas daquela casa!

O infeliz Garcias com o coração aos pedaços, horrorizado, quási louco, volvêra, descendo com estrondo a quatro e quatro os degraus da escada; e novamente sobraçando a arma; cavalgando, partira a galope.

Os delinquentes apanhados em flagrante, correram espantados para a sala.

Houve um certo reboliço... um sussurro...

Todos se admiram agora, que Florinda, sem se despedir, decesse de carreira por sua vêz a mesma escada, e, ajudando-a o escravo que lhe segurava o estribo, abríra-se dalí num apressado e aflitivo trote.

Garcias Inácio andava longe.

— Impaciência de esperar tanto! Murmuravam todos.

— Casmurro, malcriado e grosseiro é que êle é! Pigarreou Dona Joaquina.

— Não! Joaquina! Acudíra o velho Rafael, alí presente.

Nem uma cousa, nem outra.

Ninguém mais contrariado do que eu; porém, de minha filha, uma vêz casada, reconheço o dever para com o marido: acompanhá-lo seja para onde fôr. Por muito ajuizado e paciente que se mostre, ninguém deve acusa-lo.

Quem suportaria a massada de Florinda?

E acentuou:

— Viagem marcada para as oito horas, cargueiros longe... são quasi onze, *um entra e saí* interminável, quem poderia aturar?

Isto seria consumir a própria paciência. Eu faria o mesmo, ou peor ainda; não achas Manoel?

Manoel Luís, visivelmente contrafeito, acabrunhado e horrendamente pálido, qual um defunto, estava como que absorto a escorrer suores frios e de tal maneira desorientado, que não déra pela pergunta do sogro, respondendo aereamente:

— Eh!... Sim... foi! Mas, não sou culpado e sim... ela... Sim, é perdido!...

Rafael abriu desmesuradamente os olhos, sem alcançar o sentido.

— Perdido o quê, Manoel?

Manoel Luís se vira verdadeiramente perdido, descoberto.

Traíra-se.

— Perdido?... Eu falei isto?

Você resmungou umas cousas a minha pergunta...

— Horas há que estamos fora do mundo.

Que me perguntou o senhor?

— Nada; dizia apenas que, uma viagem nestas condições, seria arrazar a melhor das paciências.

— Ora bolas! Estourára Dona Joaquina, brutalidade só. Um disparate! Nem almoço!...

— Isso não! Almoçariam um pouco mais adiante, em qualquer aguada; o mal foi retardar-se de mais, mormente quando os cargueiros estão adiantados.

— Sempre te conheci rabugento, parecido por novidades.

— O almoço stá na mesa, sinhá! Disse uma escrava.

— Vamos minha gente! É bem tarde! Convidou Rafael.

— Oh! Cangalha! Cangalha! Gritou Manoel Luís, indo a janela e daí falando a um escravo no pátio.

— Vá arreiar o meu cavalo e traga-m'o sem demora.

— Nôr sim, Yoiô!

— Gente, que é isto aqui hoje? Onde te vais, não almoças?

— Queira desculpar-me, Dona Joaquina! Não almoço.

— Estás doente? Interrompeu Rafael?

— Dôr de cabeça de estalar os miolos!

Irei dar um passeio, a fim de ver se melhora.

— Alguma indisposição de estômago, talvez!

— Talvez!

— Credo! Êste sobrado está perigando.

Cruz! Cruz! Cruz! – gaguejou de ódio Dona Joaquina.

XIV

Dos céus urucuianos nêsse vale descia uma dessas tardes hibernais, quentemente iluminada.

Torreões de nuvens cintilantes, saindo dos horizontes e engrossando-se no espaço, acompanhavam, como num cortejo, a marcha triunfal do sól-oéste.

Poderosos raios do oceano da luz cortavam esses bizzaros montes aéreos, emprestando aos gerais, tingindo-os, uma côr violácea de extrema formosura.

Enquanto entardecia e das montanhas imóveis, flutuantes, deliciosa serenidade estendia-se na insurta brenha dos campos, tribos e mais tribos de aracuãs bravias e forasteiras baixavam do sul sobre lindos e verdes cambaúbais.

Essas revoadas ao rumor de suas azas iam deixando na planície do firmamento infinito, sons errantes, marulhos de crianças brincando: cantos, falas, vozerias, idílios, numa linguagem tocantíssima, distanciando-se, escondendo ou confundindo-se como a vaga do mar azul e transparente do vespertino céu.

Bandos de pássaros pretos trinavam maviosamente nessas mansões dos êrmos, dentro das paineiras, barusais e palmeirais, altas árvores dos penêdos, enquanto rôlas caboclas turturavam pelas pousadas à sombra ténue dos coqueiros cabeçudos, nas orlas das colinas, no fundo do araxá.

Manadas e manadas de veados, bandos de êmas andejas e ariscas seriemas varavam taboleiros e lombadas de relvosas grupiáras, sumindo-se entre arbustos ralos e caragoatás.

Pela alcatifa dos tombadores pedaços de virentes pampas côr de esmeralda, desdobravam-se numa extensão ilimitada, onde coleava a estrada real solenemente aberta, ora rubra, ora alvadia a longos traços, bifurcada a intervalos de graciosos carreiros e encruzilhadas, e lá se ia dobrando e desdobrando em curvaturas contínuas – intérrima e fugidia serpe a sulcar agruras e roravinas, marginando abismos e barrocais.

Do capim verde e ondulado levantam-se nuvens de pequenos gafanhotos, estridulando as azas, semelhante ao som de campainhas de tropas que vêm distante.

No pino dos gerais, por escuras quadras de escarpas e descambos de matas altas e virgens dentre as ivirarumas, icicas e tapirabas, desgarrada araponga polia o aço idílico.

Alma penada ou espírito solitário d'algum finado ferreiro dessas paragens, talvez lançasse um terno adeus à tarde, retinindo a cantar eternamente, ciclopicamente, enchendo o vale das harmonias agrestes.

Patos negros, de colos encarnados, grandes tuiuiús e curicacas passavam, cortando em majestoso vôo o longo espaço com visões de lagôas resplandecentes.

A essa hora, o anjo artístico dessas solidões estendia alvíssimas toalhas de neves nas cumiadas azúes da serra central, cujas sombras desciam sertão em fora.

Ribeiros viajores de longínquos desterros, trepando iminências e criando vales, despejavam pelas morrarias fragorosas cascatas.

Aos poucos o ar se fora toldando a formar uma barra escura no horizonte, apressando o fim do dia.

Cerrados esquadrões de nuvens num momento se formaram interceptando a vespertina luz para um formoso crepúsculo.

Um bafo perfumado e tépido evapora-se dos ervaçais, recendendo a balsamina, cânfora, alfavacas e betônicas.

Em dôces ondulações pelos agrestes ledos auras brincavam, levantando o pó em redemoinhos, levando fôlhas sêcas ou fazendo-as sussurrar nas frondes renovadas dos pereiros bravos e piúnas.

Um deslumbramento de paisagens movia-se na bruma fumarenta.

Que deliciosos painéis que não se descrevem, que nem jamais se veem, ou não se esquecem jámais!

Ah! Si tudo isso fôsse eternamente assim!

Irmã de noss'alma associar-se-ia a natureza aos nossos sonhos?

Bastante caprichosa, se não rósios, sim; se preságos, não!

Por vêzes, *sim* e *não* ao mesmo tempo, rindo e chorando.

Jámais traidora, ela possui o segredo e a ciência da dôr e da alegria, identificando-se com o nosso coração.

E por quê?

XV

Por fóra da estrada real. Brusco atalho, deixando uma vereda sêca á direita, afundava-se linheiro no vale da Conceição.

Por êle, em precipitado galope, um cavaleiro sumia-se por detrás das últimas árvores do deserto.

Decorridos alguns momentos, mais um outro à toda disparada, porém, sem torcer caminho.

Ultimas horas crepusculares!

Nesse campo, até então silencioso, vagas crepitações soavam no ar em fora, prenúncio de terríveis temporais uma lufada, depois outra mais, e a floresta arrepiada, como que ferida e gemebunda, preparava-se prudentemente, esperando o assalto, e rugia o espaço.

Sons monótonos, um como boiar de zagais – sons solentes – desfaziam-se além, interrompidos por um surdo trovão a roncar por detrás da terra.

Nas relvas altas das quebradas as perdizes soltavam dulcíssimos e saudosos pios na imensidão dos ermos.

O céu toldara-se repentinamente carregado, proceloso. Aves, em debandada, escondiam-se por matagais, onde ecoavam, agora, os mugidos dos touros e os uivos dos guarás.

Vencendo penosíssima jornada de arenoso taboleiro e receiosos sem dúvida da tempestade, apareciam, então, na estrada seis possantes sertanejos, conduzindo uma rede a escorrer sangue.

Vergados sob a carga, não mediam sacrifícios.

Revesando-se, corriam, cantando hinos fúnebres, dirigindo-se para a Conceição com o cadaver de Florinda.

XVI

Florinda morta!

Adjuto, o cavaleiro que víamos atravessando a chapada, havia despachado um emissário; e, dirigindo-se também para a Conceição encontrara já em caminho copiosa multidão de pessoas num arranco lastimavelmente doloroso de prantos, soluços, gemidos em torno de uma desgraça...

Nesse transe fôra recebido o cadáver da desditosa moça por seus pais, cheios da maior consternação, especialmente Rafael que idolatrava a filha.

Este, abraçando a rede, soluçava convulsamente sem proferir palavra.

Dona Joaquina, ao contrário, sombria e crispada da face, trágica e tenebrosa, qual um réprobo, túmulo mudo, mas de uma mudêz terrível, estátua de pedra, firme, sem lágrimas, olhar duro, de tigre, contemplava aquela fatalidade, aquele crime bem talvez, oh! Bem talvez um crime que muito pressentia ser o final de sua obra, ou antes, tinha consciência: sabia!...

Nessa fronte irrevelável, orgulhosa e sêca, horrendamente pálida, estourara um vulcão de pensamentos, cada qual mais sinistro.

Dessa cratera convulsionada irrompiam turbilhões de lavas abrasadoras de despeito, de vinganças... ah! de vinganças!... dente por dente, olho por olho, até a última gota de sangue, inexorável, sem entranhas, tudo a rolar no mesmo abismo.

Garcias, interrogado por ela ao chegar, respondera, simplesmente chorando:

— Uma desgraça, minha sogra! Uma desgraça! — arma disparada, quando atravessávamos o ribeirão!... — Arma disparada!?... gemera surdamente Dona Joaquina, nada mais falando.

Tormentosa viera a morte, tormentosa e tanto que, ao amanhecer o Conceição estava de monte a monte, caudaloso, empanturrando-o de instante a instante uma enchente monstruosa.

Nevoeiros escuros e colossais, despejavam ininterrupta e grossa chuva, cobrindo de densa cerração tôda floresta, horizontes e serranias.

Prolongando-se muito o tormentoso tempo, resolveu-se, visto não haver outro recurso, ser o enterro ali mesmo nos terreiros da fazenda.

E assim acontecera, dando-se comêço logo à edificação de um ermida sôbre túmulo da finada.

Adjuto se mostrara inconsolável.

Passados os primeiros dias de luto, partira para a casa de seus pais, em companhia de um de seus irmãos que viera visita-lo.

XVII

Prestes a conclusão da ermida.

Para abreviar mais o tempo, por ordem de Dona Joaquina todo madeiramento e telhado utilizáveis da igreja do Riacho do Mato como a imagem do seu Santo, são transportadas às pressas para os terreiros desta fazenda da Conceição.

Nella trabalhavam vários carpinteiros, escravos e agregados sob a vigilância de Dona Joaquina, que numa roda viva a todos atormentava sem descanso.

Queria porque queria ver acabada aquela obra em poucos dias.

Trajando rigoroso luto, um instante sequer se separava dos netinhos, filhos de Florinda.

Esses em sua inocência clamavam sempre por papai e mamã!

Ela os consolava, apontando para a ermida que subia aos palmos.

— Mamã está ali. Papai acolá; soceguem, mandei chama-lo vem já. E de seu rosto de mármore fugia o sangue para deixar uma lividês mortal.

Ela não mentia às crianças.

Garcias é insistentemente convidado para assistir, não só á benção da ermida e á primeira missa que deveria ser celebrada na mesma por alma de Florinda, assim também, pelas profundas saudades que lhe causava sua ausência, especialmente quanto aos pequeninos que não o esqueciam.

Que atendesse, que não fosse ingrato. Reiterados os convites, resolvera êle aceder contra a vontade de toda sua família.

Em vista das circunstâncias trágicas da morte de sua esposa, acusada de adultério, por isto mesmo, deixando de ser casual, a opinião geral era que a presença dele seria uma formidável imprudência, um grave êrro. Mas não houve rogos nem ponderações dos pais, dos irmãos, nem dos amigos que o demovessem.

— Finado Inácio! Era a voz profética que se ouvia; sem este estamos.

Mesmo assim, partira a caminho da Conceição, onde fôra recebido com as demonstrações de todo afeto.

Na verdade, encontrára a ermida quási acabada.

Ativados os serviços, não tardaria a conclusão.

Fosse por que fosse, Inácio não suportava respirar sob o mesmo tecto, onde, segundo costuma dizer, entrára com o pé esquerdo.

Despedaçado de remorsos, desconfiado de todos e de tudo, via bem claro o despeito e o disfarce mal contidos a seu respeito, disfarce um dia surpreendido numa posição duvidosa de sua sogra, apanhada em flagrante: passando a mão pelo rosto e espalmando-a no ar contra ele. Estava jurado!

Fez que não vira aquilo; e desde esse momento, arrependido da desobediência a seus pais e daquela cegueira, filha do amor paternal que o arrastára, conhecendo de perto quem era sua sogra e do quanto seria capáz, não poudes, ou aliás não soube dissimular.

Abertamente tratára de retirar-se, pretextando urgência de negócios, e de voltar apenas, êsses terminados. Joaquina mostrou-se ressentida.

Pediu, rogou, suplicou por que ficasse, usando de promessas e ternuras: que aquilo não se fazia. Ao menos esperasse terminar o serviço, cuja coberta, o único de todos que faltava, em dois dias estaria pronta, bem como a missa, marcada para oito dias mais.

Garcias pensára; conhecendo o desvario cometido deu o sim; porém, por mais que quisesse, não sofria sustentar tal promessa.

Não comia, não dormia, não encontrava um instante de socêgo.

Paixão, remorso, medo!

Sônhos de trevas e funestos pressentimentos segredavam-lhe n'alma.

Por demais pezavam-lhe os céus daquelas brenhas; e em toda a parte daqueles horizontes erguia-se o fantasma ensanguentado de Florinda.

Sem acidentes, alguns dias mais, quando com estrondo, numa das tardes, uma cavallhada no páteo.

Ao sussurro, Garcias, que andava sempre recluso no seu antigo aposento, corre à sacada para vêr...

Manoel Luís!!...

Manoel Luís, o protagonista de toda sua desgraça!

Bastava! Impossível! Impossível! Nem mais um instante naquele horror!

Viagem resolutamente marcada para o dia seguinte, por ser um pouco tarde.

XVIII

Antes de entrar o sol, pesados nevoeiros, latejando fogo, eram arrojados por ventanias rugidoras através das montanhas.

O fundo do céu se tornára carregadíssimo; não tardavam relâmpagos fulminantes: um, outro, mais outro, tres, quatro, cinco, dezenas, cada qual mais coruscante, viváz; raios em zig-zagues, raios por tôda a parte; tentando destruir a selva, cavar mais fundo o vale, incendiar, arrasar a terra, coberta já de espessas trevas.

Furiosos trovões pareciam rachar o céu ou o céu se abria em mar de chamas.

Animais do páteo, dos curraes e dos campos tombavam ajoelhados, colando à terra os focinhos trémulos.

Ouvia-se de perto e de longe o baque das árvores seculares; o granizo alvejava as covoadas, entupindo grotas precípites nos descambos dos campos.

A tarde, alegre, de repente se trocára pela noite mais cerrada e um terror pânico se apossára dos espíritos.

Casa e choupanas cediam ao embate dessa procela de extermínio.

As gargantas montesinas, vomitando ondas de enxurradas, forçavam o ribeirão a transpor o seu leito, qual se em um sinistro cósmico.

Para os lados da ermida nova sucedia um barulho infernal; mas, ninguém se atrevia lutar com os elementos.

Baques soturnos sobrepujavam a gritaria dos ventos da floresta, e nessa confusão ouviam-se preces de misericórdia.

O furacão durára horas, começando cedo e amortecendo depois da meia noite.

Ao romper da aurora, patenteavam-se os estragos e prejuízos em derredor, por vários pontos, mortos muitos animais, por terra inúmeras choupanas e varrida toda a coberta da ermida.

Dona Joaquina e Rafael gritaram a camaradagem, agregados, escravos e oficiais que, subindo ao tecto, atacavam um novo serviço, reparando os estragos.

Vinha o sol dourando e aquecendo com os primeiros raios as cúpulas das montanhas, quando, por aquelas cercanias, não mui distante, soára uma terrível descarga a reboar no vale em fora.

Os que estavam na coberta exclamaram admirados:

— Tão cedo! Os caçadores, hoje, madrugaram.

Um deles acrescentou:

— E a caça estava perto!...

Era o Manoel Luís que alí se achava, auxiliando.

Rafael olhára para os lados onde partira a descarga.

A estrada para aquele rumo galgava uma ligeira iminência.

— Caçadas hoje? Murmurára Rafael e num dia como este, de tantos reparos? Vadiagem só! Não pensam ou não acham que fazer com tantas choupanas reviradas, que parecem mais um castigo do céu?

Ninguém respondêra.

Justas, mais que justas as censuras de que Manoel Luís não gostára.

Restabelecido o silêncio, o serviço continuava como dantes, esquecendo-se todos do ligeiro incidente.

Não decorrêra meia hora que um escravo, descendo a estrada do outeiro que se avistava, anunciára que seu senhor Garcias fora assassinado.

E apontára além.

A noticia de semelhante fato alarmára todo o pessoal que, imediatamente, deixando o trabalho, para lá se dirigira.

E mais uma rêde entrava naquele fatídico sobrado de tantas vítimas!...

Fuzilado o inditoso Adjuto, o seu cadáver descêra ao túmulo, naquêlê mesmo dia, junto ao de Florinda.

Nenhuma dúvida!

Aquêlê crime, segundo a opinião geral, recaía diretamente sobre o gênio máu de Dona Joaquina; e por desconfianças bem fundadas, de parceria com Manoel Luís.

Muito comentada aquela morte pela procedência de fatos desenrolados para tamanho infortúnio.

Sabedor do bárbaro e frio assassinato de seu filho, o velho Garcias Adjuto, indignado, cobríra-se de pesado crepe, mandando êste tremendo desafio que foi pontualmente dado à Dona Joaquina:

— Dona Joaquina — muito obrigado pela belíssima ação que acaba de praticar.

Nunca fui malvado, por isto mesmo que nunca matei, nem quero, pessoa alguma.

Tenho plena certeza de que foi a senhora a autora da morte de meu filho.

Muita razão lhe assiste: influência, amigos, jagunços, dinheiro...

Não censuro ou reprovo; porém! Porém! Dona Joaquina, repito: os Adjutos nunca assassinaram, nem por palavras, nem por obras, a ninguém jamais mandaram arrancar a existência.

Não esqueça que o Adjuto velho vive ainda.

Dona Joaquina e êsse seu soberbo genro Manoel Luís viverão também, mas... eu o juro: *catando mamonas!*...

A morte de meu filho não ficará impune, qual a de tantos outros *defuntos sem choro!*

E deixe-te estar!...

Este tremendo recado ferira o orgulho de Joaquina que deitou matos abaixo, retrucou com alguns desaforos também, mas, a incontestável fôrça da verdade prostrava a criminosa.

Desde então, assim ameaçada, tornára-se de uma desconfiança sem limites; e, senhora de pabulagens, de dinheiro e fanfurrices, mulher de desmedida vaidade, sem perda de tempo acercára-se de um caterva de guarda-costas assalariados, aumentando o número dos que contava.

Inesperadamente mudam-se os tempos.

Aquela família, aos poucos, entrava em franca decadência, num isolamento e desprezo tais, que só as gramalheiras da escravidão sustentavam-na.

É que começava a expiação fora de todo o convívio social. Tudo irremediavelmente perdido!

Chegára essa quadra inexorável com o seu castigo de sobressaltos:

– Um meirinho às portas de Dona Joaquina!

XIX

Naquele tempo, em qualquer pessoa que merecesse o nome de *qualificada*, uma vêz com o meirinho pela frente, considerava-se de nenhum valôr, desautorada!

Uma afronta, a maior das injúrias; e, cousa curiosa, essas, cobradas de sempre, cruelmente, covardemente.

Riscoso antigamente o emprego de meirinho! Um perigo, mormente em paragens fora da ação imediata da lei.

Bem caro custava uma intimação!

Intimação! A notoriedade pública d'algum crime, a chamada a juízo, a vingança do direito, a desforra de um inimigo, o futuro sempre negro, incerto, duvidoso, o descrédito, o terror da culpa, as primeiras ameaças da sociedade ofendida, a masmorra, as galés perpétuas, a desconsideração, a infâmia a limpo, a ruína, a deshonra... e Dona Joaquina... Dona Joaquina citada, Joaquina comparecer a juízo?!...

O assombro apoderára-se dos ânimos.

Todos daquela casa, com exceção de Rafael, ausente na hora, correram a ouvir as palavras sacramentais do empregado da justiça, palavras lacônicas e de

um timbre colonial, mas, exercendo nesses casos um poder elétrico nos espíritos os mais refletidos.

Joaquina, com todo o seu poderio, arrogantemente se apresentára ao oficial.

Êste começará com um surdo tremor na voz:

— É vós Senhora (me discurpe) é Voss.. Voss'Incelença que se chama Dona Joaquina de tal, etc...?

— Ela mesmo. Que quer você?

— Apois eu, Incilitr's'ma Dona Joaquina, ufriaciá de justiça da Vila Risonha de Sant'Anton da Manga de S. Romão, a mandado de seu Dotô Juiz de Dereito da Comarca, vim lhe intimá (vancê me perdoe) pêra lá se cumparicê nas odienças, marcada aqui neste papé.

Cum perdão da palav'a (tirando o chapéu) e em nome de Deus Pad'e, Deus fio, Deus Espírito em Santo, Amen, eu te cito, eu te recito em nome da lei e de seu Juiz de Dereito, eu te meto e eu te arremeto este reguinguelo na mão.

O reguinguelo era um grande corno de boi que se entregava ao citado.

No caso de não ser encontrado êsse, o meirinho meteria por debaixo da porta uma palha de milho, depois de dar em altos brados o seu recado em presença de alguma pessoa da família ou de testemunha que merecesse fé.

— Terminaste? Vociferou Joaquina, ao receber angustiadamente o reguinguelo.

— Truminei, sim senhora; e vancê perdôa ao pob'e ufriaciá que é mandado.

— Sáia! Safa-te da minha presença, atrevido!

Que desaforo!... nem mais um instante! Estou intimada, ouviste?

E Joaquina deu um sinal a seus sequazes que ali se achavam. O desgraçado oficial, incontinenti, é derribado no chão.

Sugigado por violentos pulsos, sem o menor respeito ou consideração qualquer para com os presentes, com a maior brutalidade aplicaram-lhe uma borrachada da pimenta malaguêta; e, sob ameaças de morte, acompanhado de bandidos, teve de sustentar aquele conteúdo, caminhando à força, indo despejá-lo através da cancela daquele maldito ninho de víboras.

Dias depois, quasi morto, chegára a São Romão, vinte e quatro legoas distante.

XX

Desabrochavam no horizonte as primeiras rosas de uma alvorada, após serena e fresca madrugada.

Os galos alvissareiros cantavam, saudando a aurora.

Um toque de corneta!

Sinal de sentido! Outro, mais outro!

Som metálico e seguro, sôpro de pulmões de ferro, retinindo, propagou-se, espantando os âmbitos da Conceição, suspendendo de chofre o furioso rufar de um tambor ao longe num folguedo de escravos.

Dona Joaquina, depois do último crime, e como vimos, cercada de bandidos de toda a casta, comprára uma feroz matilha de cães de raça para ajudar o resguardo de sua pessoa e de sua casa, contra a imprevista incursão ameaçadora dos Adjutos.

Mas, aquela hora era o começo do final dessa tragédia que de há muito bradava aos céus.

Cães, uivando de medo, abriam a bôca num alarido infernal.

Bodes, carneiros, pôrcos e outros animais do páteo, espantados, tomaram arranco, azulando-se nos matos.

E a corneta tornou a bradar insistente.

Casa cercada!

Um borborinho desusado em tórno:

Malta de Dona Joaquina!

Jagunços embriagados, deixando o folguêdo, vinham se aproximando de carreira pelo quintal, a-fim-de entrincheirados, oferecer melhor resistência, enfrentando a força pública e defender a patrôa; pois, sabiam ali estar o terror do sertão, o famoso delegado Capitão Demétrio.

E o delegado, pressentindo-os a tempo, ordenára uma descarga para todos os lados donde partira o sinistro movimento.

Tremera o chão; e ao sibilar das balas a jagunçada, perdendo a partida, retrocedêra.

Era tarde.

Conhecendo o perigo, caíra na malva. Camaradas, escravos, agregados, tôda essa farandola de valentes e covardes... para as capoeiras!

Nenhum aviso precedêra à polícia e à diligência, portanto, em ótimas condições.

Ao primeiro raio de sol, o delegado energicamente batia à porta:

— Senhora Dona Joaquina, levante-se! Sua casa acha-se cercada.

Tudo vencí, até seus terríveis jagunços, seus cães ferozes, Dona Joaquina!

Levante-se! Apareça! Está a senhora indiciada em crime, ou em crimes inafiançáveis.

Mal terminaram estas palavras, a porta abriu-se com estrondo e violência, apresentando-se Dona Joaquina que, em trôco de sua arrogância e pôse, recebe voz de prisão.

Sem mais conversa, posta a ferros e com o rigor que a ocasião requeria, dera o delegado ordem de marcha para São Romão.

Nêsse mesmo dia, à tarde, chegára Rafael de uma viagem distante, a chamado urgente da esposa; e ciente do ocorrido, voára em seu socôrro, alcançando a comitiva no primeiro pouso, cerca de oito léguas.

Chegára tarde da noite.

Aflito, quizera falar à paciente; mas, incomunicável, não fôra possível a entrevista.

Chamado de parte a autoridade, tentára suborná-la com dois grandes alforges atarracados de prata e ouro.

Por uma e única resposta recebera voz de prisão, sendo algemado tambem.

— Presos! — a vaca e o bezerro — exclamara triunfalmente o delegado.

E assim escoltados, após dias de viagem, deram entrada na cadeia de São Romão, esses grandaços tão decantados.

A população açulada pela curiosidade e aparato dessa diligência, saíra ao seu encontro, especialmente para vêr essa terrível e tão gabada megéra, Dona Joaquina! Os sinos de São Romão bradavam a finados.

Morte do oficial de justiça.

XXI

Seguros e sem perigo os delinquentes, apareceram várias denúncias, cujo resultado seria muitos anos de reclusão.

Estava claro que a influência dos Adjutos pesava nessa balança.

O Garcias velho cumprira efetivamente o prometido.

Nenhum advogado daquele fôro quizera patrocinar a causa ou causas, dos réus, ora obrigados a grandes sacrifícios.

Crimes assombrosos!

A muito custo, empenhos e grandes somas de dinheiro, pouderam arranjar um rábula, alias notável, de uma cidade nortista.

Êsse encetára os trabalhos, enfrentando as mil e tais dificuldades do monstruoso processo que começára pelo último dos crimes.

Chega o dia do júri.

A causa, pela sua importância, atrae um numeroso concurso de pessoas de todas as classes, até de algumas residentes em outros municípios.

Cabala extraordinária *pró* e *contra* fervilha entre os jurados, falando o dinheiro eloquentemente a todos.

Naquela época, a época então das *zelosas* justiças de S. Romão, (justiças de que se fizeram rezas, com as quais até hoje as crendices e superstições sertanejas curam as bicheiras crônicas dos seus gados), pela notoriedade de suas prevaricações, reinava, predominantemente, a soberania dêsse nobre *El Rei* dinheiro.

E no entanto, justo Deus, nunca a formosa e equitativa conquista da instituição do júri se rebaixára, desmoralizada e perversa, como em nossos dias de requintes da moderna civilização.

Mais respeito naquelas eras.

Audazmente Manoel Luís, apresentára-se pleiteando a todo o transe pelos sôgros.

Acodem os Adjutos.

Os acusados, à barra do tribunal, respondem por outros crimes.

A causa periclíta e cresce de ponto o interesse geral.

O juiz, incorruptível, severo, imparcial, suspendia com a lei e a própria veneração, os dois gumes da antiga e respeitada *esfinge* desta causa de hoje, que outróra acudira pelo nome de *espadas da justiça*, inviolável, ininferrujável, sagrada!

Travam-se os debates.

Terrível a acusação!

Admirável a resistência eloquente da defesa!

Causa amparada pelo famoso advogado Justino de Andrade Câmara.

Como de praxe fôra requerida e ao mesmo tempo deferida antes dos trabalhos uma conferência entre os réus e o advogado.

Uma vez no aposento destinado e contíguo ao salão do júri, disse o causídico:

— Dona Joaquina, sua causa não vai bem; confio, entretanto, poder salvá-la.

Não depende de seu marido e sim de V. Exa., repito, na presente hora.

— Queira dizer o que pretende, senhor doutor!

— V. Exa. tem de ser interrogada pelo juiz.

Não se perturbe. É um homem bom e compassivo, ainda que severo, qual se nota: mas, olhe: sustente com todas as fôrças o que vou ensinar-lhe.

O ponto capital de sua defesa consiste em V. Exa. negar de pé firme, negar com energia e muito, tudo quanto êle lhe perguntar sôbre o fato.

O resto correrá por minha conta.

Mas, senhor doutor, aquêles desgraçado mat...

— Ah! interrompeu o advogado, fale mais baixo; pode comprometer-se.

— Sei!

— Mas...

— É inútil! Adivinho o que V.Sa. quer de mim.

— V. Exa. é mãe; teve e tem toda a razão. No seu caso eu faria o mesmo ou pior.

— Ah! então? Já vê...

— Sim, sim, mas, neste momento, o caso é outro, é bem diferente; trata-se de salvá-la com seu marido. Veja que qualquer imprudência deitará tudo a perder.

Sou franco! O moço matou sua filha e mereceu mesmo o que lhe era devido. Que quer, porém? V.Exa. não soube, ou não teve quem lhe aconselhasse

melhor este negócio. Foi muito precipitada; não deveria ser assim às claras, razão por que tem agora contra si pessoas poderosas que...

— Quais poderosas?!... que me importa? Se são poderosas, eu também sou. Têm dinheiro? Tenho também e veremos isto logo em que dá.

O doutor diz que é franco e eu mais franca. Sou decidida.

Não ficarei eternamente na cadeia.

Deixa estar que esta corja de Adjutos me pagará.

— Oh! Tenha paciência!

— Eu o juro, senhor doutor!

— Não é assim que se executa esse negócio. V. Exa. está muito exaltada. Acalme-se! Mais devagar. Depois de livre, faça, então, o que entender.

Não cáia em contradições, pois, V. Exa. arrastaria consigo seu marido.

— Oh! Eu tenho aconselhado também tanto, mas, minha mulher é de uma natureza... disse Rafael.

Joaquina passou-lhe um olhar terrível. E o advogado continuou:

— Estou ganhando licitamente seu dinheiro, sou seu advogado. Somente eu possuo o segredo de minha profissão. Quero remediar o que está correndo perigo. Vejo-a num estado quasi impossível de seriamente refletir. Voltando-se para Rafael, segredou-lhe também alguma coisa.

— Vamos, disse êle, afinal. O juiz nos espera. Siga meu consêlho, siga-o à risca, com atenção e desassombro, e não terá de que se arrepender.

— Sim, senhor, senhor doutor. Refleti e agradeço-lhe muito... Podemos ir! Seguirei seu consêlho; pode estar descansado. Negarei tudo, como pede-me; direi estritamente o necessário, como me ordena.

— Eh! Dona Joaquina; as cousas da vida, senhora, são sempre assim: nem como queremos ou pensamos; e, sim, como são e podem ser.

Negar tudo, negar sempre, negar de duro, eim? Negar a todo o transe.

— Sim senhor! Estou convencida.

E o advogado, esboçando um sorriso de confiança, voltara ao salão do júri.

Prosseguem-se os debates.

XXII

Interrogatório dos réus!

Longo, apertado, minucioso o de Rafael; porém, êste, conhecido e desculpado como um homem honesto e justo, e simplesmente por fraqueza governado pela mulher, apenas cumpria o inevitável destino de estar ligado a uma criatura pelos laços intimos da amizade, da fidelidade e amôr conjugal até à morte.

Todos juram naquele caráter sofredor, uma passividade admiravelmente acentuada, a própria paciência resignada; por isto mesmo, inspirando simpatia e particular compaixão.

Terminados os momentos de indizível angústia, seguiu-se o de Dona Joaquina que foi breve, negando a ré o que tanto lhe recomendára o defensor.

– De nada sei, senhor juiz! Sou inocente. Tudo calúnia, um falso testemunho que se me levanta, puro embuste, uma mentira, uma perseguição, miséria das misérias.

Pois, Senhor Juiz, meu genro, meu filho, meus pés e minhas mãos, meu genro, tão meu amigo, tão bom, tão bom pai e marido, minha esperança, meu

arrimo, o arrimo da minha filha e de meus netinhos, minha consolação... seria possível, senhor Juiz?

Havia de ser malvada para mandar matar meu genro?

Isto dóe, dóe muito, senhor juiz!

Sómente na bôca de uns Adj...

Engasgou-se!

Seguiu-se uma pausa bem eloquente de irretorquível convicção.

Jurados e assistentes suspensos, entreolharam-se atônitos diante de tão poderosas respostas.

Depois a ré, como que desembaraçada do rancor com que pronunciára o nome de *Adjutos*, num raptó de loucura latente, de um orgulho infinito, de uma soberba altiva desmedida, bateu com força o pé no chão, ao recordar-se da atrevida ameaça do velho Adjuto: catar mamonas!

— Desafortado! Que estaria pensando?

Com a mão crispada de revoltosa, agarra o chales como um trapo, atira-o para um dos ombros com desdém e, alta, clara, corpulenta, um todo masculino, grandes tranças grisalhas, caindo em desalinho, olhar em chamas, fronte levantada, bôca de escárneo, firme e arrogante, desatinada e derramando lágrimas de fogo – as primeiras – finalisára:

— Mas, senhor juiz, agora, ver a gente entrar pela porta, sem esperar, numa rêde a escorrer sangue, uma filha que se ama, um pedaço de nossa alma, mãi de família também, atravessada injustamente por uma bala... ah! senhor juiz... Não! Não! Nunca me arrependerei do que fiz!... E bateu novamente com o pé.

— Estou vingada! Não me arrependerei nunca!

— Irra, diabo! Murmurou desapontado o defensor.

Embora, tudo perdido, não deixa de ter isto o seu lado sublime.

Bem diz o prolóquio:

Com mulher, quando ela quer, querê-la!

Quando ela não quer, nem vê-la!

Nem fogo de serra acima,

Nem água de serra abaixo!

XXIII

Violentos os debates!

Réus absolvidos, mas, imediatamente apelados.

Submetidos a novo júri, segunda vêz absolvidos e do mesmo modo segunda apelação, sobrevivendo complicações várias de outros processos.

Ora, essa teimosia caprichosa, essa turra forense por largo tempo empenhada, dera em terra com os haveres daquêles infelizes.

Para ocorrer às avultadas despesas, venderam-se gados, escravos, moveis, terras, até o próprio sítio onde moravam.

Aquela fortuna desaparecêra em curto espaço de tempo, e sómente parára a perseguição, quando, exgotados os recursos, vira-os o velho Adjuto, como prometêra e jurára: *catando mamonas!*

Rafael e Joaquina, assim que foram prêsos e condenados, ficando a fazenda em abandono, sofreram na cadeia fundos desgostos.

Deixaram o lar, para sempre, suas sobrinhas.

Uma delas, a Pulchéria, ostentava publicamente uma vida luxuosa e livre em pleno São Romão.

Pelo ódio que consagrava a desnaturada tia, afrontosamente passava em frente às grades de sua prisão, sem se condoer de sua desgraça.

Escravos, jagunços, agregados, brigaram.

Houve mortes.

Uns fugiram, outros mudaram-se.

Debandada completa!

Ninguém quis saber mais daquelas terras.

Anos, muitos anos depois, saíam os exforçados do calabouço, e pela última vez tiveram de pôr os pés na Conceição, mas, para entregar o sítio a novo dono, um outro sentenciado que com eles negociára na prisão.

Nem Rafael, nem Joaquina levantaram mais a cabeça, morrendo em extrema pobreza.

Manoel Luís envelhecêra rapidamente, acabrunhado de remorsos.

Também pobre se acabára, sendo um dia encontrado morto em um dos seus roçados.

Dias de prazer, épocas felizes e quadras aziagas visitaram ainda a tapéra que mal se reconhece.

Ah! tudo passa neste mundo, como passou a Fazenda da Conceição.

XXIV

Agora, a pobre ermida, cemitério de campônios dos arredores, lá está.

Na verdade, foi celebrada a missa pelas duas primeiras vítimas nela sepultadas.

Infelizmente, por ignorância, lembraram-se de sepultar alguém sob o altar mór.

Verificando-se ser isto proibido pela igreja, desde logo foi declarada interdita.

Nunca mais alí se celebrou missa.

Não obstante, largos dias de devoção sincera cobriram-na de flôres, de perfumes.

Tivera ricos paramentos e pinturas, verdadeiros contrastes com as ruínas de hoje.

Antigos e novos donos se acabaram.

Todos partiram para sempre.

Aquí, ainda essas testemunhas como que esperam o impossível: êste outeiro defronte com uma cruz isolada – a cruz marcando o lugar onde tombára Adjuto, a deserta casa do rancho, o curral, negras ruínas de sobrado, raros esteios no capoeirão, a velha e carcomida estrada.

Além, ao fundo, o memoroso ribeirão na mata virgem, e nessas ribas silenciosas – ela – sómente ela, a triste Ermida, abandonada, exalando um doloroso remorso.

E um dia, talvez, nem sinal dela mais restará!

Glossário

A

Abrir o boé – abrir a boca, falação, cantoria.

Aceiro – bagaceira.

Alinhavano – arengando.

Arco dos Rêis – Aquí D’El-Rei.

C

Canjarâna – cachaça.

Cumilidade – sociedade, reunião.

Cazina – dor de...

Cornunata – coisa ruim.

D

Distraveio – desaparecimento, extravio.

Distrabanado – dificultoso, embaraçado.

Dona, Donára, Donátara – senhora que manda.

E

Estabaforido – cansado, esbaforido.

Embrexo – enrêdo.

Entrosando – metidiço, andar de permeio.

Eito – rasgo, bagaceira.

F

Fuzoê – arenga, enredo.

I

Incovença – negócio suspeito, encomenda.

Isbiutá – besbilhotar.

Incunivando – enredando, meter-se com a vida alheia.

Impiticação – ato de teimosia, embirrar, esfarelar.

Iscambixá – matar, esfolar, assassinar.

Insurquir – engolir com goludice.

Infuca – intriga.

Intembos – quase que.

J

Jaléco – saudação ao espirrar alguém.

L

Lubambo – engodo.

M

Mangerica – feitiço.

Mufumbado – acautelar, guardar.

Mocô – como que.

P

Pena-pecante – trabalho perdido.

Pleba – conversa fiada.

Precatado – precavido.

Putrecar – hipotecar.

S

Siturdia, Sisturdia – outro dia.

Subacar – atiçar, atormentar.

Sastifa – satisfação, desculpa.

Sedente – ataque.

Sungar – arribar pêso.

T

Tafuiar – meter, enfiar à força.

Tixé – ato de espirrar.

X

Xambarí – osso da perna.

Xamamada – gole de cachaça.

Z

Zaroiada – terra revolvida de fresco.



O Autor e sua Obra⁸



Manoel Ambrósio Alves de Oliveira é, certamente, um modelo de intelectual do fim do século XIX, capaz de manejar diferentes saberes e ciências com maior ou menor erudição: atuou como jornalista, escritor, político, professor, historiador e folclorista, aventurando-se, embora amadoramente, em campos como a mineralogia e a espeleografia.

Para se ter uma dimensão desse ecletismo, há relatos, em pequenas notas de jornais cariocas dos anos 1920 e 1930, de que Ambrósio enviava a sociedades científicas da capital federal, pelos vapores, exemplares de minérios colhidos no Vale, na expectativa de que o solo de sua amada terra fosse tão benfazejo quanto a paisagem que tantas vezes cantou, em verso e prosa. No final da década de 1930, o januarense figurou como personagem recorrente em uma série de reportagens que tratava das misteriosas minas de prata supostamente localizadas às margens do Rio São Francisco.

Outros relatos dão conta de seu envolvimento com a produção de látex na região.⁹ Há, também, cartas remetidas a uma autoridade da capital mineira com

⁸ Nota dos organizadores: texto originalmente publicado nos anais do *I Seminário de Estudos Ambrosianos – escrever na margem, educar na berlinda*, evento realizado em agosto de 2021, na terra natal do autor.

⁹ Nota do posfaciador: O PAIZ, 15 de janeiro de 1910, p. 2.

representações das pinturas rupestres do Peruaçu, décadas antes de todo o interesse por esse importante sítio arqueológico.

Como jornalista, Ambrósio tentou tirar das sombras os abusos dos mandatários locais: expôs o superfaturamento das obras do cemitério de Januária, denunciou uma retumbante fraude nas eleições para o Senado, em 1903, fez campanha para a criação de colégio católico na cidade, e buscou educar o gosto do povo barranqueiro pela literatura, com a publicação, nas páginas do jornal *A Luz*, dos folhetins *Hercília* (depois editado em livro, em 1923 e republicado em 2021) e do inacabado (ao que parece) e enigmático *O chalé de Tonkin*, obra sobre a qual não se tem notícias.

Como historiador, o januarense tentou reconstruir os vestígios do passado colonial da região. Utilizou o seu jornal para publicar um *Esboço Histórico de Januária*, provavelmente recorrendo a documentos que, na sua época, ainda estavam disponíveis. Nesse texto, de 1903, Ambrósio destaca a existência de propriedades escravagistas nos arredores da cidade, por volta de 1860, localizadas no distrito de Brejo do Amparo.

Outros detalhes da trajetória do escritor ajudam a construir a imagem de um caçador de vestígios históricos para ele. Exemplo disso é a fotografia, achada em seu arquivo, do piso da suposta residência de D. Maria da Cruz ou, ainda, os relatos de que ele tencionava encontrar, na região de Manga - MG, as ruínas do “castelo do Calindó”, que teria pertencido ao bandeirante Manuel Nunes Viana, figura histórica que aparece como personagem do conto “A filha do general emboaba”, de Brasil Interior.

Essa busca de Ambrósio pelas ruínas é uma característica importante de sua obra ficcional. Em vários livros dele podemos observar o interesse pelas taperas em que se transformaram as casas-grandes, a lembrança de ermidas abandonadas, a decadência dos poderosos ou a menção às cruzes à beira do caminho, sinalizando a violência que grassava nos sertões.

O olhar de Ambrósio para o passado de seu querido Vale, nos faz recordar o anjo da história de que trata Walter Benjamin nas suas famosas teses sobre a História:

Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (BENJAMIN, 1985, p.226).

Ambrósio olhava as ruínas, os vestígios, os fragmentos do passado para tentar entender a tempestade do progresso que se avizinhava do Médio São Francisco: vapores e telégrafo, por exemplo, são signos do paradoxo que a modernidade assumia nessas terras. Essa tensão está evidente tanto no horror que o apito do vapor *Rodrigo Silveira* causara na índia tapuia da região de São João das Missões, personagem do conto *O bicho-homem*, de *Brasil Interior* (1934), quanto nas possibilidades de contato com o mundo permitido por aquelas embarcações.

Também o telégrafo, apelidado no romance *Antônio Dó* (1976) de “a via-crucis universal”, tanto podia vomitar “as mais disparatadas invencionices do terror” quanto permitia que Ambrósio mandasse notícias das barrancas para o mundo, como quando denunciou aos leitores do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora - MG, a perseguição política que vinha sofrendo em Januária: “Na monarquia nada conseguira; na república, sempre tomada de dúvidas, de decepções provada e, não pode a nossa cidade progredir, graças a interesses inconfessáveis que tem servido para cavar a sua ruína” (OLIVEIRA, 1903, p.2).

É espantoso observar como a vida de Ambrósio tenha atravessado tantos episódios da vida nacional. Nascido em 1865, ano em que eclode a Guerra do Paraguai, ele tangenciou os estertores do Segundo Império, a promulgação da Lei do Ventre Livre (1871), a ilusão da liberdade plena pelas mãos de Isabel, a República, a Guerra De Canudos, a 1ª e 2ª Guerras Mundiais, o apogeu e o declínio da navegação do Velho Chico, a ascensão de Vargas, os ciclos da seca e do banditismo nos sertões nordestino e mineiro.

Dono de uma significativa produção literária, sua obra mais conhecida é *Brasil Interior*: palestras populares e folk-lore das margens do São Francisco (1934), em que tratou das várias faces do folclore regional. Por conta dessa obra, o autor ficou conhecido apenas como folclorista. Contudo, sua produção literária é

muito mais ampla, fruto de uma versatilidade intelectual quase heroica, consideradas as condições em que viveu, escrevendo sempre da margem dos grandes centros.

Assim, da pena do escritor também saíram: *Hercília*: romance histórico (1923), *Os Laras*: no sertão dos guahybas, onde se fêz morrer caboclo como o diabo (1938), *A Ermida do Planalto*: novela regional (1945) e o livro de poesias *Paranapetinga* (1938). Postumamente, foram publicados os romances *Antônio Dó*: o bandoleiro das barrancas (1976) e *Os Mellos*: jagunços e potentados no Sertão do São Francisco (2018). Resta inédito o livro *Brasil do Vale* (1909), além de contos, peças de teatro e outros escritos constantes do arquivo de família, cujos manuscritos só mais recentemente estão sendo escrutinados e trazidos a lume.

Nesses textos, Manoel Ambrósio abordou temas como a valorização do homem barranqueiro, a pujança da natureza ribeirinha, as relações sociais locais, os falares e o cotidiano sertanejos, propiciando a construção de uma cartografia ficcional a partir da qual se pode conhecer as diferentes identidades e paisagens existentes no Médio São Francisco, o sertão ambrosiano.

De fato, é adequado alargar as fronteiras das investidas intelectuais e ficcionais de Manoel Ambrósio para além de seu torrão natal. Uma leitura rápida de seus contos e romances e a análise dos diálogos que manteve com figuras como Nelson Coelho de Senna e com os jornais cariocas, especialmente nas décadas de 20 e 30, ajudam a construir a imagem de um homem vigilante tanto em relação aos apelos dos centros urbanos (especialmente o Rio de Janeiro) quanto ao burburinho dos sertões sanfranciscanos.

As obras do januarense são exímias, como já referido, em revelar os vestígios do passado colonial brasileiro nas terras sertanejas, remontando a episódios da história social dos “Gerais das Minas” e do Nordeste brasileiro a partir da ficcionalização de figuras e reviravoltas históricas. Nesse sentido, elas tratam, com maior ou menor ênfase, dos efeitos da escravização, dos ciclos econômicos e políticos que moldaram a região, das violentas expedições bandeirantes, da navegação do Rio São Francisco, dos povos indígenas que habitavam/habitam essas cercanias, entre outros temas.

Infelizmente, em vida, Manoel Ambrósio não obteve maior notoriedade, especialmente no campo literário. Olhando do presente, não é concebível que o escritor tenha sido esquecido, tamanha fora sua produção intelectual. Entretanto, quando se avalia a biografia do escritor, vêm à tona relatos sobre perseguição político-judicial e até mesmo sobre uma tentativa de assassinato, sofridas por Ambrósio. Isso ocorreu em virtude do papel combativo adotado por ele na política e na imprensa (ele editou *A Januária* e, posteriormente, *A Luz*, os primeiros jornais de Januária — MG, plataformas utilizadas para denunciar os desmandos e as mazelas da política dos coronéis e grandes fazendeiros locais).

A segunda razão para essa perseguição está latente nas principais obras de Ambrósio, especialmente nos romances *A Ermida do Planalto*, *Hercília*, *Os Laras*, *Os Mellos* e *Antônio Dó*, nos quais soube usar as palavras como arma contra a prepotência, a dissimulação e as injustiças. Por isso, o escritor sempre viveu sob ataque, escrevendo e educando o povo na berlinda. Esses fatores, possivelmente, contribuíram para que a obra dele tenha caído no ostracismo.

Pedro Borges Pimenta Júnior

Januária — MG, 11 de agosto de 2021.



